



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
SESSÃO CONJUNTA

ANO LXVI - Nº 011 - QUINTA-FEIRA, 11 DE AGOSTO DE 2011 - BRASÍLIA-DF

COMPOSIÇÃO DA MESA DO CONGRESSO NACIONAL

Presidente

Senador José Sarney (PMDB-AP)

1ª Vice-Presidente

Deputada Rose de Freitas (PMDB-ES)

2º Vice-Presidente

Senador Wilson Santiago (PMDB-PB)

1º Secretário

Deputado Eduardo Gomes (PSDB-TO)

2º Secretário

Senador João Ribeiro (PR-TO)

3º Secretário

Deputado Inocêncio Oliveira (PR-PE)

4º Secretário

Senador Ciro Nogueira (PP-PI)

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – LEGISLAÇÃO E ATOS NORMATIVOS		Senadora Lídice da Mata.....	2258
1.1 – DECRETO LEGISLATIVO		Deputado Marcus Pestana.....	2260
Nº 260, de 2011	2240	Senador Francisco Dornelles.....	2261
1.2 – ATOS DO PRESIDENTE DA MESA DO CONGRESSO NACIONAL		Deputado Roberto Freire	2263
Nºs 29 a 32, de 2011	2240	Senador Jarbas Vasconcelos.....	2264
2 – ATA DA 9ª SESSÃO CONJUNTA (SO-LENE), EM 10 DE AGOSTO DE 2011		Deputado Eduardo Azeredo	2265
2.1 – ABERTURA		Senador Paulo Bauer.....	2266
2.2 – FINALIDADE DA SESSÃO		Senadora Ana Amélia	2267
Destinada a reverenciar a memória do ex-Senador e ex-Presidente da República Itamar Franco.....	2241	Senador Cristovam Buarque.....	2268
2.2.1 – Execução do Hino Nacional Brasileiro		Senador Geovani Borges.....	2269
2.2.2 – Oradores		Senador Cyro Miranda.....	2270
Senador Aécio Neves	2241	Senador Pedro Taques.....	2271
Deputado Rodrigo de Castro	2242	Senador Inácio Arruda	2272
Senador Fernando Collor.....	2243	Senador Mário Couto.....	2273
Deputado Hugo Napoleão	2246	Senador Luiz Henrique	2274
Senador Zezé Perrella	2248	Senador Wilson Santiago (art. 203 do Regimento Interno do Senado Federal).....	2276
Deputado Mauro Benevides	2250	Senador Flexa Ribeiro (art. 203 do Regimento Interno do Senado Federal).....	2276
Senador Pedro Simon.....	2251	2.3 – ENCERRAMENTO	
Deputado Gabriel Guimarães	2255	CONGRESSO NACIONAL	
2.2.3 – Fala da Presidência (Senador José Sarney)		3 – CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL	
2.2.4 – Oradores (continuação)		4 – CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL	
Sr. Antônio Anastasia (Governador do Estado de Minas Gerais)	2257	5 – REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL	
		6 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)	

Faço saber que o Congresso Nacional aprovou, e eu, José Sarney, Presidente do Senado Federal, nos termos do parágrafo único do art. 52 do Regimento Comum, promulgo o seguinte

DECRETO LEGISLATIVO Nº 260, DE 2011

Exclui do Anexo VI da Lei nº 12.381, de 9 de fevereiro de 2011, a Lei Orçamentária de 2011, os subtítulos 22.661.0392.5086.0101 – Revitalização e Expansão da Infraestrutura do Distrito Industrial de Manaus e 22.661.0392.2537.0101 – Manutenção do Distrito Industrial de Manaus, ambos da unidade orçamentária 28233 – Superintendência da Zona Franca de Manaus – Suframa.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Ficam excluídos do Anexo VI da Lei nº 12.381, de 9 de fevereiro de 2011, a Lei Orçamentária de 2011, os subtítulos 22.661.0392.5086.0101 – Revitalização e Expansão da Infraestrutura do Distrito Industrial de Manaus e 22.661.0392.2537.0101 – Manutenção do Distrito Industrial de Manaus, ambos da unidade orçamentária 28233 – Superintendência da Zona Franca de Manaus – Suframa.

Art. 2º Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

Congresso Nacional, 8 de agosto de 2011. – Senador **José Sarney**, Presidente.

ATO DO PRESIDENTE DA MESA DO CONGRESSO NACIONAL Nº 29, DE 2011

O Presidente da Mesa do Congresso Nacional, cumprindo o que dispõe o § 1º do art. 10 da Resolução nº 1, de 2002-CN, faz saber que, nos termos do § 7º do art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001, a **Medida Provisória nº 534, de 20 de maio de 2011**, publicada no Diário Oficial da União de 23 de maio de 2011, que “Altera o art. 28 da Lei nº 11.196, de 21 de novembro de 2005, para incluir no Programa de Inclusão Digital **Tablet PC** produzido no País conforme processo produtivo básico estabelecido pelo Poder Executivo”, tem sua vigência prorrogada pelo período de sessenta dias.

Congresso Nacional, 14 de julho de 2011. – Senador **José Sarney**, Presidente da Mesa do Congresso Nacional.

ATO DO PRESIDENTE DA MESA DO CONGRESSO NACIONAL Nº 30, DE 2011

O Presidente da Mesa do Congresso Nacional, cumprindo o que dispõe o § 1º do art. 10 da Resolução nº 1, de 2002-CN, faz saber que, nos termos do § 7º do art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001, a **Medida Provisória nº 535, de 2 de junho de 2011**, publicada no Diário Oficial da União de 3 de junho de 2011, que “Institui o Programa de Apoio à Conservação Ambiental e o Programa de Fomento às Atividades Produtivas Rurais; altera a Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004, e dá outras providências”, tem sua vigência prorrogada pelo período de sessenta dias.

Congresso Nacional, 8 de agosto de 2011. – Senador **José Sarney**, Presidente da Mesa do Congresso Nacional.

ATO DO PRESIDENTE DA MESA DO CONGRESSO NACIONAL Nº 31, DE 2011

ATO DECLARATÓRIO

O Presidente da Mesa do Congresso Nacional, nos termos do parágrafo único do art. 14 da Resolução nº 1, de 2002-CN, faz saber que a Medida Provisória nº 522, de 12 de janeiro de 2011, que “Abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios dos Transportes e da Integração Nacional, no valor global de R\$ 780.000.000,00, para os fins que especifica” teve seu prazo de vigência encerrado no dia 1º de junho do corrente ano.

Congresso Nacional, 8 de agosto de 2011. – Senador **José Sarney**, Presidente da Mesa do Congresso Nacional.

ATO DO PRESIDENTE DA MESA DO CONGRESSO NACIONAL Nº 32, DE 2011

ATO DECLARATÓRIO

O Presidente da Mesa do Congresso Nacional, nos termos do parágrafo único do art. 14 da Resolução nº 1, de 2002-CN, faz saber que a Medida Provisória nº 524, de 28 de janeiro de 2011, que “Altera a Lei nº 12.337, de 12 de novembro de 2010, para autorizar a prorrogação de contratos por tempo determinado firmados com fundamento na alínea ‘h’ do inciso VI do art. 2º da Lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993” teve seu prazo de vigência encerrado no dia 1º de junho do corrente ano.

Congresso Nacional, 8 de agosto de 2011. – Senador **José Sarney**, Presidente da Mesa do Congresso Nacional.

Ata da 9ª Sessão Conjunta (solene), em 10 de agosto de 2011

1ª Sessão Legislativa Ordinária da 54ª Legislatura

Presidência dos Srs. José Sarney, Aécio Neves e Pedro Simon

(Inicia-se a Sessão às 10 horas e 26 minutos e encerra-se às 14 horas e 37 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. Bloco/PMDB – AP) – Está aberta a sessão.

Trata-se de uma sessão solene do Congresso Nacional destinada a reverenciar a memória do Senador e ex-Presidente da República Itamar Franco.

Convido para compor a Mesa o Governador de Minas Gerais, Dr. Antônio Anastasia; o Senador Aécio Neves, autor do requerimento, que já está aqui ao nosso lado; o signatário da presente sessão, Exmº Sr. Senador Fernando Collor de Mello; também, em nome da Câmara dos Deputados, o Deputado Federal Rodrigo de Castro; o representante do Governo do Estado de Minas Gerais em Brasília e Ministro da Casa Civil no Governo Itamar Franco, Henrique Hargreaves.

Convido também para compor a Mesa o Sr. Augusto Franco Júnior, irmão do Senador e ex-Presidente Itamar Franco.

Quero registrar a presença honrosa nesta sessão dos familiares do Senador Itamar Franco, especialmente suas filhas, Georgiana Franco Forrester e Fabiana Franco.

Antes de conceder a palavra ao Senador Aécio Neves, convido a todos para ouvirmos o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional brasileiro.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. Bloco/PMDB – AP) – Quero comunicar aos presentes que o Hino Nacional teve a colaboração e a homenagem do Coral da Casa, do Coral do Senado Federal. *(Palmas.)*

E convido para compor a Mesa o Ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota. *(Palmas.)*

Concedo a palavra ao Senador Aécio Neves.

O SR. AÉCIO NEVES (Bloco/PSDB – MG. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Ilustre Presidente do Senado da República e do Congresso Nacional, José Sarney; ilustre Presidente Fernando Collor de Mello; caríssimo Governador do meu Estado, amigo e companheiro, Antônio Augusto

Anastasia; Sr. Ministro Antônio Patriota; demais integrantes da Mesa; minhas amigas Georgiana e Fabiana; demais familiares, em especial, o neto do Presidente Itamar, que aqui certamente nos honra e a ele traria uma alegria enorme essa presença hoje em um das cadeiras que seu avô ocupou de forma tão digna e tão honrada durante sua vida; Srs. Senadores; Srs. Parlamentares, em especial Parlamentares do meu Estado, do nosso Estado, Minas Gerais.

Começo, senhores, esta minha modesta homenagem ao nosso inesquecível ex-Presidente com uma confissão: poucas vezes senti tanto a perda de um companheiro de jornada. E talvez tenha sido assim porque, para mim, ele sempre fora muito mais que isso. Empréstou-me, no curso do tempo, generosa amizade e intensa solidariedade. Estivemos juntos no enfrentamento de grandes dificuldades políticas circunstanciais, mas também – e principalmente – pessoais.

Não posso deixar de me emocionar lembrando da sua solidariedade, Presidente Sarney, quando da perda de meu pai, seu amigo fraterno, ocorrida há muito pouco tempo. O sentimento que me reconforta hoje é o de que tive o privilégio de dele receber o melhor: os conselhos, os exemplos, e as convicções acerca de valores essenciais que devem colocar de pé e sustentar qualquer homem público.

E poucos tiveram essa dimensão quanto ele.

Itamar nasceu para servir e a seu povo serviu, enquanto viveu. Serviu ainda nos bancos acadêmicos, atuando na política estudantil, na qual optou pela esquerda moderada do trabalhismo de Alberto Pasqualini.

A figura pública do Presidente Itamar Franco entrou na vida de minha geração pela porta das eleições legislativas de 1974 – inesquecível oportunidade em que os brasileiros impuseram ao regime militar, na disputa para o Senado, uma de suas mais vistosas e decisivas derrotas políticas.

Protagonista de uma das mais brilhantes gerações de homens públicos brasileiros, aqui veio para ser líder, numa bancada em que, pela oposição democrática, pontificavam nomes como os de Marcos Freire, Paulo Brossard e, pouco depois, Teotônio Vilela, no Senado;

e de Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e Alencar Furtado, na Câmara.

Ainda recém-chegado a Brasília, Itamar rapidamente se transformaria em uma das mais respeitadas vozes que, do bastião civilista de Minas, clamavam pela redemocratização do País. E, nesse aspecto, seu histórico é impecável: jamais faltou ao dever de fiel representação da vontade popular.

Decidiu em favor de todas as causas justas, liberais e populares, durante o processo da Assembléia Nacional Constituinte.

Jamais alguém ouviu falar que Itamar tivesse, no decurso de sua longa carreira política, abandonado uma só de suas cresças, ele que era para sempre compromissado com o respeito à liberdade, com a luta pela justiça social, com a defesa do processo de desenvolvimento do Brasil e com o primado da honestidade no trato da coisa pública.

E foi precisamente sagrado por essas armas que ele, colhido pelas forças irracionais do destino, escreveu de improviso a hora talvez mais bela e importante de toda a sua biografia.

Alçado à Presidência da República, na esteira da crise política de 1992, ele se mostrou por inteiro.

Foi nesta precisa hora, Sr. Presidente, que Itamar pode mostrar, a si mesmo e a todos os brasileiros, que a grandeza se revela na adversidade e que o verdadeiro valor se prova somente ante o desafio.

E, no mais curto mandato presidencial após o Golpe de 1964 – dois anos e três dias, apenas – construiu um legado político e administrativo definitivo, que até hoje contribui com o destino do Brasil.

Foi obra sua a construção de uma coalizão parlamentar que soube pacificar a vida política e consolidar o processo de amadurecimento democrático-institucional, entre nós.

Foi obra sua, principalmente, a decisão de materializar – sob a competente condução de seu sucessor, o Presidente Fernando Henrique – uma corajosa proposta de estabilização da moeda brasileira, o Plano Real.

E esse foi, um evento singular na história recente de nossa Nação: o momento em que foram lançadas bases para que o processo de desenvolvimento econômico pudesse, doravante, combinar-se sempre com as premissas básicas do progresso social.

Desse dia em diante, senhoras e senhores, nunca mais o Brasil seria o mesmo.

Sr. Presidente, senhores representantes militares que aqui comparecem, ilustre Embaixador Paulo Tarso, a cultura política brasileira ainda não valorizou suficientemente o legado do Presidente Itamar Franco, tanto na área política, quanto na prática administrativa.

Não fosse isso, é certo que entenderíamos melhor o modo adequado de combinar a honestidade intransigente com as exigências concretas da governabilidade.

A maneira correta de exercer o zelo nacionalista, sem dar espaços à xenofobia rançosa.

O segredo de lançar um olhar mais confiante para o futuro, sem perder de vista os aspectos positivos da tradição e das ricas lições da nossa história política.

Esse dia, entretanto, chegará para todo o Brasil, como já chegou para Minas, que soube honrar Itamar ao conduzi-lo, nos anos subsequentes, ao cargo de Governador do Estado e, mais recentemente, ao Senado da República – reconhecendo assim o seu imenso valor pessoal, e assim reverenciando a sua honrada biografia.

Para mim, senhoras e senhores, Georgiana, Fabiana, foi uma honra e um privilégio sucedê-lo à frente do Executivo mineiro, dele obtendo, inclusive, incondicional apoio naquela eleição.

Dele recebi, naquele momento, principalmente, a compreensão e a solidariedade necessárias para que, juntos, fizéssemos o choque de gestão e então vencêssemos a gravíssima crise financeira do Estado, agravada pela conjuntura econômica adversa daquela hora.

Itamar Franco ansiava sempre pelas grandes causas e as buscava; não aceitava a bonança, convocava a tempestade do debate, a construção de ideias, a clareza da análise dos problemas econômicos e políticos, chamava sempre pelo patriotismo, bradava pela responsabilidade do Parlamento, nesta época de grandes desafios.

Lembro-me de que Tancredo se impressionara, Presidente Sarney, com a imagem que André Malraux fizera da morte de De Gaulle: a de um grande carvalho que se abatia.

Nós podemos dizer que a morte de Itamar é como a queda de um grande jequitibá, árvore soberana da Mata Mineira, a que pertence a sua Juiz de Fora.

É árvore que não se curva sob o vento e raramente se quebra.

Assim caiu Itamar, com a sua visão honrada da política e do tempo, com a renascida disposição para a luta, como se, do alto do Caparaó, olhasse o Brasil e o mundo com os olhos limpos de Minas, com a inteligência de Minas, a coragem e o coração de Minas.

Registro, por último, Sr^{as} e Srs. Senadores, Governador Eduardo Azeredo, o quanto foi inspirador acompanhar, nesses poucos meses de convivência, neste plenário, a energia e a garra, e, como lhe era natural, a serena integridade com as quais Itamar exerceu sua última função pública.

Nesses tempos, em que – por razões, quero crer, contingenciais – vem se tornando cada vez mais

pesado o exercício da oposição parlamentar, mais importante se torna sua referência biográfica para a criação de alternativas concretas de aperfeiçoamento da convivência democrática no Brasil.

Possa, então, o seu espírito – já entronizado no Panteão das grandes figuras que Minas doou à Nação, na companhia de tantos outros gigantes – inspirar as atuais e as novas gerações de brasileiros.

Que o Brasil do nosso tempo não se esqueça das virtudes, dos valores e das lições que Itamar nos legou. Nessa quadra da nossa história, elas, mais do que nunca, nos são absolutamente essenciais.

E termino essas minhas palavras recordando de um trecho final de um artigo que escrevi poucos dias após o falecimento do nosso Presidente e que gostaria que ficasse registrado nos Anais da sua Casa, o Senado da República. Eu dizia:

Nesses dias tristes, quase tudo se disse sobre o ex-Presidente. Lembramos a sua personalidade única, a retidão do caráter, a coragem política, a sua integridade e a sua intransigência quanto aos valores éticos e morais, e o papel central que desempenhou à frente da Presidência da República.

Tudo isso é verdadeiro. Mas a verdade não se resume a isso. Precisamos reconhecer a legitimidade da mágoa que Itamar carregou consigo durante muito tempo, fruto das incompreensões e da falta de reconhecimento à sua real contribuição ao País.

Se há no Brasil quem diga que, depois de morto, todo mundo vira santo, acredito que os elogios com que Itamar foi coberto após a sua morte não tinham a intenção de “absolvê-lo” ou, muito menos, de santificá-lo aos olhos da opinião pública, mas sim de nos redimir dos pecados da ingratidão e da injustiça com que tantos de nós o tratamos, durante tanto tempo.

Nesse sentido, os mineiros prestaram a Itamar, sem saber talvez que seria a última, uma belíssima homenagem. Ao conduzi-lo de volta ao Senado, retiraram-no do ostracismo, encheram de brilho e orgulho o seu olhar e permitiram que o Brasil se reencontrasse com o ex-Presidente, mas permitiram também ao grande brasileiro se reencontrar com o seu País e com o seu povo.

Durante esses poucos meses, ele caminhou com altivez sobre o chão do Parlamento, o qual considerava sagrado.

Seus passos foram guiados pelo sentimento de urgência que move aqueles que, verdadeiramente comprometidos com o País,

sabem que os homens podem, às vezes, esperar, mas a Pátria jamais. Sua presença iluminou esta Casa e ele nos deixou fazendo o que mais gostava: lutando pelo Brasil.

A obra de todos e de cada um é sempre obra inconclusa. De tudo que vou guardar comigo, levarei sempre a lembrança do sentido preciso que ele tinha da nossa transitoriedade.

Naqueles dias, voltou-me à memória trecho antigo que diz: ‘Dizem que o tempo passa. O tempo não passa. O tempo é margem. Nós passamos. Ele fica.’ Pena que alguns estejam passando por nós e seguindo em frente tão depressa, quando ainda seriam tão necessários.

Muito obrigado! (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. Bloco/PMDB – AP) – Concedo a palavra ao Deputado Rodrigo de Castro, que solicitou também, em nome da Câmara dos Deputados, a realização desta homenagem.

O SR. RODRIGO DE CASTRO (PSDB – MG. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente do Senado, ex-Presidente José Sarney; Sr. Senador Aécio Neves; Senador e ex-Presidente da República Fernando Collor; Governador de Minas Gerais, Antônio Anastásia; Sr. Ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota; ex-Ministro Henrique Hagueaves; Sr. Augusto Franco; familiares do ex-Presidente Georgiana e Fabiana; meus colegas Deputados, Senadores, amigos de Minas Gerais:

O Congresso não poderia deixar de prestar esta homenagem a Itamar, esta Casa, o Senado, onde ele deixou exemplo de seriedade para as coisas públicas e, ao mesmo tempo, exemplo de franqueza e de coragem para travar os grandes debates.

Homem de retidão de caráter, fez política de posições firmes e intransigente com seus compromissos ideológicos. Mas sempre aberto à possibilidade de entendimento.

O Brasil deve muito a Itamar, mas a gratidão de Minas por Itamar é maior, porque ele foi nosso líder estudantil, prefeito de uma grande cidade, Juiz de Fora, nosso Senador, nosso Governador e nosso Presidente. Minas efetivamente sempre foi sua principal referência.

Depois de um tempo afastado do protagonismo da política, o retorno dele a esta Casa, por expressivo apoio popular, é verdadeira demonstração de sua capacidade e liderança e da simpatia, do carinho, do respeito e da confiança que os mineiros devotavam a Itamar Franco.

A história de Itamar faz parte da história de cada brasileiro. As futuras gerações haverão de se mirar no exemplo que ele deixou. E aqui faço um parêntese para dar o meu testemunho da convivência com o ex-

-Presidente. Primeiro quando ele exercia a Presidência da República, convidou meu pai para ser presidente da Caixa Econômica Federal, num momento dramático para aquela instituição, quando ela estava no interbancário com mais de R\$1 bilhão, praticamente à beira da falência. A sua firmeza e a sua posição, contrariando inclusive a área econômica do Governo, foram fundamentais para a sobrevivência da Caixa e para que ela ainda hoje possa ser esse grande braço social que é para o nosso País.

Também a sua disposição durante a última campanha eleitoral, em que mesmo com a idade, ele sempre estava ao lado de Antonio Anastásia e de Aécio Neves, por entender a importância daquele momento histórico para Minas Gerais, da continuidade desse grande projeto de desenvolvimento social que nós temos em nosso Estado.

Por último, o meu testemunho também do seu empenho, do seu entusiasmo como Senador da República, participando de diversas comissões, travando debates com grande coragem, dando um enorme exemplo ao País, num momento que as oposições vivem de maneira tão dramática e de maneira muito sensível também a sua condição.

E, por último, o choro emocionado do Senador Aécio Neves quando recebeu do Ministro Hargreaves a notícia da gravidade da doença de Itamar. Eu estava ao seu lado e testemunho as lágrimas emocionadas que ele teve.

Portanto, Minas e a sociedade brasileira, hoje reunida aqui nesta Casa mais importante de nossa democracia, homenageiam aquele que honrou a cada dia como homem, cidadão, político e dirigente máximo do País.

A homenagem acontece em um momento do nosso Brasil em que, mais do que nunca, precisa de exemplos, de seriedade no trato da coisa pública. Uma das principais marcas e legados de Itamar foi a intolerância com a corrupção e com os desvios de recursos públicos.

Também quero aqui, neste momento, agradecer o exemplo de solidariedade de todos os mineiros que, emocionados, se despediram do ex-Presidente da República.

Muito obrigado a todos vocês. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. Bloco/PMDB – AP) – Concedo a palavra ao Senador Fernando Collor, ex-Presidente da República, que solicitou a homenagem aqui no Senado Federal.

O SR. FERNANDO COLLOR (PTB – AL. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Ex^{mo} Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Presidente José Sarney; Ex^{mo} Sr. Ministro de Estado

das Relações Exteriores, Ministro Antonio Patriota; Ex^{mo} Sr. Governador do Estado de Minas Gerais, Antonio Anastasia; Ex^{mo} Srs. Senadores, Sr. Senador Aécio Neves, um dos signatários do requerimento para a realização desta sessão; Ex^{mo} Sr. Deputado Federal Rodrigo de Castro, também signatário; Ex^{mo} Sr. Representante do Governo de Minas Gerais em Brasília, nosso muito querido e prezado Henrique Hargreaves; Srs. Representantes dos Comandos Militares do nosso País – eu gostaria especialmente de me referir ao representante do Comandante do Exército, o ínclito e honrado General de Exército Comandante Enzo; Sr. Representante do Ministério da Defesa; Sr. ex-Governador de Minas Gerais e ex-Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado, Eduardo Azeredo; Sr^{as} e Srs. Senadores;

Ex-Senador Arlindo Porto; senhores familiares do saudoso Presidente Itamar Franco: seu irmão, seu sobrinho, Augusto César Franco, suas filhas, Georgiana e Fabiana, seu genro David Forrester, seu neto, Stephen – quem sabe um dia não estará aqui sentado nesta bancada, honrando-a da mesma maneira como fez o nosso Presidente Itamar Franco? –; funcionários que trabalharam com o Presidente Itamar Franco; Sr^{as} e Srs. Parlamentares; minhas senhoras e meus senhores; depois de apresentar requerimento no último dia 4 julho para a realização de sessão especial no Senado Federal, fiz questão de subscrever a solicitação de autoria do Senador Aécio Neves e dos Deputados Antônio Carlos Magalhães Neto e Rodrigo de Castro, a qual motivou a realização da presente Sessão Solene em homenagem ao Presidente e Senador Itamar Franco. Além disso, proferi, no dia 5 do mês passado, discurso reverenciando a memória e a trajetória deste que foi um dos principais personagens da vida pública brasileira nos últimos 35 anos.

Vivíamos o ano de 1989, momento do reencontro dos brasileiros com as urnas para a escolha de seu presidente quase 30 anos depois da última eleição direta que sufragou, em 1960, o nome de Jânio Quadros como primeiro mandatário da Nação.

Exercia eu o Governo do Estado de Alagoas, eleito que fui em 1986. Decidi, no decorrer do mandato, concorrer à Presidência da República. Eleito pelo PMDB, dele me afastei no decurso da Assembleia Nacional Constituinte e encontrava-me sem partido. Recebi a visita do então presidente do PJ – Partido da Juventude – Sr. Daniel Tourinho, que me ofereceu a sigla para poder disputar aquelas eleições. Aceitei com entusiasmo o oferecimento, e começamos a trabalhar na reformulação do nome do partido, que passou a se chamar Partido da Reconstrução Nacional – PRN –, e na elaboração de seu estatuto, regimento e programa.

Tudo caminhava no sentido de minha desincompatibilização das funções de Governador para disputar a eleição, o que acabou ocorrendo em maio daquele ano.

Faltava-me, contudo, escolher meu companheiro de chapa, o vice-Presidente.

Intuí eu, e pesquisas posteriores assim indicaram, que o escolhido deveria vir de Minas Gerais. Minha situação eleitoral em São Paulo e no Paraná encontrava-se boa, com tendência de crescimento. Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul eram Estados comprometidos com a candidatura do saudoso Governador Brizola e em Minas Gerais pesquisas mostravam que o eleitorado com intenção de votar comigo pedia que fosse escolhido um vice mineiro. Tudo isso associado ao fato de que Minas Gerais sempre teve participação decisiva nos momentos cruciais da política brasileira em que pontificaram nomes de grande realce e projeção nacional e internacional.

Decidi então que iria empenhar-me para encontrar entre os filhos daquele tão admirado Estado alguém que pudesse trazer o sentimento das Gerais para a chapa que eu estava compondo.

Iniciei contatos diversos. Cheguei a convidar o então Governador Hélio Garcia, que declinou do convite por não acreditar nas possibilidades de uma vitória e, ao mesmo tempo, por estar exercendo o mandato de Governador de Minas Gerais. Prossegui entendimentos outros, entre eles com a Deputada Márcia Kubitschek. Não pude atender as reivindicações feitas por ela, o que inviabilizou sua participação.

Nesse meio tempo, o Deputado Federal Hélio Costa, já simpático à postulação, havia me trazido o nome de um Senador de Minas Gerais por quem tinha ele estima e admiração pela sua determinada atuação no Senado. Levou-me então ao Senador Itamar Franco, à época no PMDB. Conversamos sobre assuntos diversos, sobre nossa visão de Brasil, sobre o cenário político e eleitoral que se delineava. Depois de duas longas conversas em diferentes dias, combinamos que eu iria ao seu gabinete no Senado para fazer oficialmente o convite para que ele comigo formasse a chapa que disputaria a eleição que se avizinhava. Assim foi feito. Tão logo chego ao Senado, encontro o entusiasmo do Senador Ney Maranhão, que me acompanhou até o local do encontro, o Gabinete do Senador Itamar Franco. Convite feito, convite aceito; apertamo-nos as mãos, abraçamo-nos e começamos juntos a trabalhar no programa de governo que iríamos oferecer à sociedade brasileira.

Foi um período de estreita convivência e expressiva convergência de idéias, objetivos e determinações. Enfrentamos a campanha eleitoral unidos em torno de um projeto comum, efetivamente voltado para os in-

teresses maiores da Nação. O cenário de transformações políticas, econômicas e sociais no mundo, àquela altura, especialmente com o fim da bipolaridade nas relações externas e a consolidação do processo de globalização, demandava uma acurada e abrangente visão de estadista, que pude constatar e encontrar em Itamar Franco. Aliado a isso, tive a oportunidade de me valer de sua experiência política e de sua postura nacionalista. Juntos, conseguimos formar uma chapa vitoriosa naquele histórico e inédito pleito de 1989, em que pesem inúmeras opiniões adversas inicialmente emitidas e todas as forças de resistência que tivemos de enfrentar.

Apesar de tudo, jamais esmorecemos. Em Itamar Franco encontrei um sólido apoio e uma permanente companhia de estímulo, dedicação e aconselhamento.

Logrado nosso êxito eleitoral, iniciamos o governo focados, primeiro, na reunificação das forças políticas capazes de sustentar o necessário apoio para implantação de nosso projeto de reconstrução nacional; segundo, determinados na implantação de um ousado e urgente plano econômico que fosse capaz de restabelecer a normalidade inflacionária.

E aqui, Sr. Presidente, José Sarney, Sr^{as} e Srs. Parlamentares e demais convidados, vale resgatar as palavras do então Senador Itamar Franco, em 14 de março de 1990, quando de sua despedida desta Casa para, no dia seguinte, tomar posse neste mesmo Congresso Nacional como Vice-Presidente da República. Por meio delas, pode-se constatar a estatura do homem público e a envergadura do político conciliador que foi Itamar Franco. Disse ele:

A democratização, conquista por todos, foi concretizada na última eleição. Durante vários meses, a Nação assistiu aos candidatos exporem livremente suas idéias. A Justiça Eleitoral soube, irrepreensivelmente, assegurar a livre manifestação dos eleitores.

Houve excessos, tumultos, lutas lamentáveis, mas, como bem disse [e aqui ele se refere a mim] o Presidente Fernando Collor, os episódios eleitorais estão superados. Temos de esquecer esses atritos para buscarmos, juntos, a solução dos diferentes problemas nacionais”.

E continua, mais adiante, com sua humanista visão:

“No instante em que a Nação vivencia um momento de renovação política, consolidam-se as instituições democráticas e legítimas expectativas de um porvir promissor são acalentadas por milhões de brasileiros – hoje angustiados pela crise que assola o País –,

impõe-se não só aos governantes, mas a todos os que ocupam uma posição de liderança na sociedade ter presentes as circunstâncias e as especificidades que marcam este quadrante da História da Humanidade”.

São trechos que bem denotam a essência democrática de Itamar Franco. Após dois anos e meio de nossa posse, ele assume a Presidência da República em virtude de minha renúncia decorrente do processo de *impeachment* a que fui submetido. No exercício da chefia de Governo, Itamar Franco demonstra sua capacidade executiva e seu perfil estadista, especialmente na composição política, que ele construiu, de apoio à aprovação e implantação do programa de estabilização econômica, o Plano Real.

Assim, Sr. Presidente José Sarney, Sr^{as}. e Srs. Parlamentares, senhores familiares, ao aquilatar a trajetória e a figura pública de Itamar Franco, restrinjo-me a citar seu principal legado à sociedade brasileira, refletido em duas épocas e duas vertentes distintas: como Senador, sua contribuição ao processo de redemocratização do país ao compor, por dois mandatos consecutivos, a partir de 1975, o grupo oposicionista de resistência ao regime de exceção vivido pelo Brasil até 1985, que teve, a partir daí, como condutor do processo de transição democrática o Exm^o Sr. Presidente José Sarney, e como Presidente da República, sua determinação, de Itamar Franco, e acuidade política na implementação do plano de estabilização de nossa economia, que finalmente deu cabo ao processo inflacionário.

Mais uma vez, permitam-me repetir que Itamar Franco foi um amigo e um companheiro inextinguível nos momentos em que militamos juntos na política. Um homem digno, coerente e, acima de tudo, na inquietude positiva de seu temperamento, um defensor intransigente dos seus ideais. Após um período em que nossos destinos se afastaram, retomamos, por intermédio deste querido amigo Henrique Hargreaves, este ano, o convívio, nesta Casa, pelo exercício da senatária, no qual prevaleceram a amizade, a admiração e o respeito mútuo.

Assim, senhoras e senhores, rendo as minhas mais sinceras homenagens ao homem público e à pessoa que foi o Presidente Itamar Franco.

À população mineira, a S. Ex^a o Sr. Governador, que aqui representa as Minas Gerais, aos seus familiares e amigos mais próximos renovo aqui, mais uma vez, os meus votos de paz e de conforto.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. Bloco/PMDB – AP) – Quero também destacar a honra que têm o Senado Federal e o Congresso Nacional com a presença

das autoridades que aqui se encontram: o Chefe do Departamento de Ciência e Tecnologia do Exército, o Sr. General de Exército Sinclair James Mayer, representando o Comandante do Exército, o General de Exército Enzo Peri; o Diretor-Geral do Departamento de Ensino da Aeronáutica, Exm^o Sr. Tenente-Brigadeiro Nivaldo Luiz Rossato; o Comandante do 7^o Distrito Naval, o Exm^o Sr. Vice-Almirante Walter Carrara Loureiro; o Presidente da Cemig, Djalma Moraes; o Secretário de Estado de Transporte e Obras Públicas de Minas Gerais, Sr. Carlos Melles; o Vice-Prefeito de Juiz de Fora, Sr. Eduardo Freitas; o ex-Senador Arlindo Porto Neto; e o Ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal Maurício Correa. Também destaco a presença dos familiares Augusto Cezar Franco, sobrinho; Georgina Franco, filha, que já teve oportunidade de anunciar; Fabiana Franco, também sua filha; o seu genro David Forrester; e Stephen Franco Forrester, neto do Senador Itamar Franco. Quero também registrar a presença dos funcionários do homenageado: Neuza Mitterhoffer, Raimunda Teles, Márcio Peluzzo e Edmilson Garcia.

Concedo a palavra ao Senador Hugo Napoleão.

O SR. HUGO NAPOLEÃO (DEM – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exm^o Sr. Presidente do Congresso Nacional, ex-Presidente da República, Senador José Sarney; Exm^o Sr. Ministro de Estado das Relações Exteriores, Embaixador Antonio Patriota; Exm^o Sr. Antonio Anastasia, Governador do Estado de Minas Gerais; Sr. Augusto Franco Júnior; Sr. Senador e ex-Presidente Fernando Collor de Mello; Sr. Senador Aécio Neves; Deputado Federal Rodrigo de Castro; Ministro e Secretário Henrique Hargreaves, Sr^{as} e Srs. Senadores, Sr^{as} e Srs. Deputados Federais, 6 de outubro de 1992, nove horas da manhã, a mim me telefona o Presidente Ulysses Guimarães. Ele era Presidente e eu Relator, aqui no Senado Federal, do projeto que constituía a demanda ao Brasil a respeito de forma de Estado e forma de Governo, que acabou sendo realizada, de autoria do Deputado Genebaldo Correia, e queria marcar um encontro para traçarmos o programa dos trabalhos dessa comissão. Acedi, e marcamos um novo telefonema para 16 horas do mesmo dia.

Eu tinha, evidentemente, estima e admiração pelo Dr. Ulysses. Meu avô Hugo Napoleão havia sido Líder da Maioria do Governo do Presidente Juscelino Kubitschek, no Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro, ainda Capital da República, e, por conseguinte, do PSD, Partido de JK, Partido de Ulysses.

Marcamos, então, esse telefonema. Ele já me havia feito – eu era Presidente Nacional do Partido da Frente Liberal – uma visita ao meu gabinete, prelimi-

nar. E marcamos, então, o encontro para 16 horas, um novo telefonema, como disse.

Eis que, às 14 horas, me telefona o Vice-Presidente da República no exercício da Presidência Itamar Franco convidando-me para, justamente às 16 horas, acorrer ao Palácio do Planalto.

Não sabendo, mas imaginando, mais ou menos, do que se tratava, lá fui, com um amigo muito dileto, parente, o ex-Governador do Piauí, Senador e Ministro Freitas Neto. Ao chegarmos à antessala do Palácio, encontrei-me com o ex-Governador Aureliano Chaves. Estava em companhia do Deputado Paulino Cícero, que viria a ser convidado para Ministro de Estado de Minas e Energia.

Fomos chamados em primeiro lugar. Entrei com o Governador Freitas Neto e lá me encontrei com o Dr. José Aparecido, Ministro, a quem tive a honra de passar o Ministério da Cultura.

Aí faço um hiato para transmitir ao Presidente José Sarney toda a minha gratidão pelo muito que ele representa na minha vida pública. Dele tive a honra de ser Ministro duas vezes, da Cultura e da Educação, depois de Marco Maciel e Jorge Bornhausen. Dele recebi várias orientações e lições, e quando não as segui não me dei bem. Mas, aliás, devo dizer que há, também, no delineamento do que conto, a mão do Presidente José Sarney.

O fato é que, lá estando José Aparecido, o Presidente Itamar Franco a mim me convidou para ser Ministro de Estado das Comunicações, missão que aceitei, tendo José Aparecido, nesse momento, sugerido: “Aqui andou Orestes Quércia, como Presidente nacional do PMDB. Eu gostaria muito que você, como Presidente nacional do PFL, pudesse trazer uma carta de apoio integral”. Eu disse ao Dr. José Aparecido e ao Senhor Presidente que a carta seria levada, mas não imediatamente. O apoio do PFL seria garantido, mas eram nove Governadores de Estado, e eu teria que ter conversas imediatas, sobretudo com o saudoso ex-Governador da Bahia Antonio Carlos Magalhães, que havia estado ao lado do Presidente Collor impecavelmente durante a fase a que ele se referiu aqui, de seu *impeachment*.

Esse encontro dar-se-ia no meu Piauí meses depois, eurgia que Antonio Carlos, político importante, também estivesse dando suporte institucional ao Presidente.

O fato é que eu, naquele momento, não tive condições de falar mais com Ulysses Guimarães. Ele foi para a história. Ele viajou. Dirigiu-se para a eternidade. E eu fui para o Ministério das Comunicações.

Itamar Franco era ímpar.

Fui eleito Deputado Federal pela primeira vez em 1974, e aqui chegamos juntos – ele ao Senado e eu à Câmara –, em 1975. Ele veio naquelas condições narradas por Sebastião Nery em seu livro *As 16 Derrotas Que Abalaram o Brasil*, quando um dos vitoriosos, um dos 16 vitoriosos, era Itamar Franco. E conversamos muito desde então, mais ainda quando cheguei eleito para o meu primeiro mandato de Senador, e as conversas continuaram. Impecável, orador elegante, intransigente com injustiças, mas firme e determinado, um baiano que soube cultivar Juiz de Fora, da qual me honro de ser cidadão juiz-forano também, por título concedido pela Câmara Municipal há muitos anos, e eterno amante das Minas Gerais. Impecável. Sem dúvida nenhuma, impecável.

Mas o mais interessante e curioso, folheando este livro, que é um presente que levarei para casa, foi que encontrei aqui uma circunstância que ele teve inclusive comigo. No primeiro despacho, eu disse: “Sr. Presidente, eu trouxe aqui a pauta de assuntos.” Ele disse: “O quê, Hugo? Sr. Presidente?” “Sim, Presidente,” “Você vai me chamar de senhor?” “Claro, sou filho, neto e bisneto de diplomatas; não sei chamá-lo, Sr. Presidente, de outra maneira.” “Pois, então, vou lhe chamar de senhor a partir de hoje”, e só me chamava de Sr. Ministro.

Interessante, quando entreguei a minha carta de demissão, para ser, nesse momento exato, candidato à reeleição – em que, graças a Deus, logrei êxito, pelo meu querido e sofrido Piauí –, terminei e entreguei, pela desincompatibilização, ele disse: “Bem, Hugo, agora vamos nos sentar bem neste sofá aqui e conversar uns minutos.” Eu disse: “Está bem, Itamar”. E, nesse momento de cordialidade, aquela revelação do homem simples, em cuja simplicidade ostentava a grandeza.

Os despachos foram muito tranquilos, muito serenos. Tudo eu entregava nas mãos dele para decisão final. Ele tinha, sem dúvida nenhuma, um compromisso com a decência. E, certa vez, aconteceu um fato extremamente curioso. Determinado cidadão tinha um pleito no Ministério das Comunicações, e foi combinado que, no Gabinete do Presidente da República, Itamar Franco, haveria o despacho – era da minha competência –, uma portaria ministerial que ia determinar alguma outorga. Nesse mesmo momento, percebeu-se que, na véspera, pessoa ligada a esse cidadão fizera severas, duras e injustas críticas ao Presidente Itamar. Ele reclamou imediatamente, porque a junção entre os dois era tão grande que isso lhe causou indignação, e ele ia conceder um benefício público. Ele disse que não aceitava o que tinha ocorrido, mandou-me suspender e não assinar, e foi, portanto, um encontro extremamente sensível.

Eu soube depois, algum tempo depois que isso foi feito, pelo meu sucessor, o dedicado e competente Ministro Djalma Moraes, aqui presente, em outra fase em que houve a retratação do erro dessa pessoa ligada ao cidadão a que me referi. Esse era o Itamar.

Mas quero dizer que tínhamos amigos comuns. Amigos muito queridos. Um deles está aqui a minha direita, o Ministro Henrique Hargreaves. Quantas e quantas vezes, noites, madrugadas, estivemos juntos para procurar solucionar problemas brasileiros. Henrique Hargreaves, eu o conheci há 36 anos, na Câmara dos Deputados. Exímio regimentalista, um jurista de grande acuidade, conhecedor dos problemas dos homens, dos políticos brasileiros, foi sem dúvida um esteio, um verdadeiro esteio na vida do Presidente Itamar Franco.

Outro meu conterrâneo, João Emilio Falcão Costa, jornalista de saudosa memória, muito querido, muito estimado. Consta que o Presidente Itamar Franco dele quis fazer Secretário Executivo do meu Ministério, mas, nesse momento, nessa ocasião, devo dizer, devo afirmar que soube que João Emilio dissera: “mas, Itamar, nem de PABX eu gosto, quanto mais de uma Secretaria Executiva de um Ministério”, e acabei levando para lá o Dr. Jorge Jardim, competente presidente da Telebrasil.

Desse modo, havia algumas coisas muito interessantes, profundamente interessantes em Itamar Franco. Uma delas foi fazer com que o carro popular, o Fusca, voltasse às ruas do Brasil. A outra foi na minha área; uma circunstância em que, em uma reunião ministerial, impressionou muito o líder e Senador Pedro Simon. É que ele determinou que eu fizesse a Carta Popular, por metade do preço da carta de porte simples, e a ficha telefônica, assim como o cartão de telefone público, também pela metade do preço.

Ora, só um homem de grande sensibilidade poderia pensar nessas fórmulas realmente dedicadas ao povo brasileiro.

Quero afirmar que sou, efetivamente, grato ao destino por ter me dado tantas e tantas posições, tantos e tantos bons amigos na vida, e por estar aqui, nesta Casa, hoje, para falar e dirigir-me, levar uma lembrança de apreço ao Governador, hoje meu colega na Câmara dos Deputados, Eduardo Azeredo, ex- Governador de Minas Gerais também, para dizer que volto ao convívio desta Casa pensando em um Brasil grande, pensando que foi um prazer, também, ombrear-me mais uma vez com Aécio Neves. Imaginem: fui colega de seu pai, o saudoso Deputado Aécio Cunha; fui colega do seu avô em duas legislaturas, do saudoso Presidente Tancredo Neves.

Evoco essas coisas, como evoco Minas sempre, para dizer que, antes de sair, o Presidente Fernando

Henrique Cardoso foi deslocado do Ministério das Relações Exteriores para o Ministério da Fazenda para fazer a composição do Plano Real, sob a orientação e sob a batuta, digamos assim, do Presidente Itamar Franco. E o próprio Presidente Fernando Henrique Cardoso disse que jamais o Plano Real teria saído do papel se não fosse o Presidente Itamar Franco.

Nesse momento, Sr. Presidente...

(Interrupção do som.)

O SR. HUGO NAPOLEÃO (DEM – PI. *Fora do microfone.*) – Estou seguindo para o final, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. Bloco/PMDB – AP) – Estamos com um problema no som.

O SR. HUGO NAPOLEÃO (DEM – PI) – Pois não. Estou, realmente, seguindo para o final.

Nesse momento, Sr. Presidente, Henrique Hargreaves sugeriu-me que o Presidente Itamar gostaria muito que eu fosse Ministro de Estado das Relações Exteriores. Eu disse que seria um orgulho muito grande pensar nisso e que meu saudoso pai, o Embaixador Aluizio Napoleão, gostaria muito, mas que eu não deveria, pois iria desincompatibilizar-me para candidatar-me dentro de pouco tempo, e não poderia, sob um período presidencial único, haver cinco ministros, ou seja, Ministro Francisco Rezek, Ministro Celso Lafer, Ministro Fernando Henrique, o eventual Ministro Hugo e um futuro, um quinto; muitos ministros para um período presidencial só. Eu achei que devia continuar na minha luta. Voltei para o Senado Federal, e foi nomeado o Ministro Celso Amorim.

Com isso, eu quero finalizar, Sr. Presidente, apenas agradecendo a Deus e ao destino, lamentando que essa seja a oportunidade de prestar a última homenagem a Itamar Franco.

Quero dizer que eu te admiro, Presidente Itamar Franco, porque és e foi um homem bom, um homem digno. Eu te admiro, Presidente Itamar Franco, porque fizeste de Juiz de Fora a tua terra querida. Eu te admiro, Presidente Itamar Franco, porque cultuaste Minas Gerais como o teu antecessor, Juscelino Kubitschek, de quem fui advogado no período de exceção. Eu te admiro, Presidente Itamar Franco, porque tu amaste o Brasil de todo o coração. Eu te admiro, Presidente Itamar Franco, porque tu defendeste a democracia com ardor. Eu te admiro, Presidente Itamar Franco; simbolizas a bandeira de Minas Gerais: “*Libertas quæ sera tamen*”!

Muito obrigado! *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. Bloco/PMDB – AP) – Com a palavra o Senador Zeze Perrella.

O SR. ZEZE PERRELLA (Bloco/PDT – MG. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exmº Sr. Senador José Sarney; Exmº Sr. Governador de

Minas Gerais, Antonio Anastasia; Ministro de Estado das Relações Exteriores, Exmº Sr. Antônio Patriota; Exmº Sr. Augusto Franco Júnior, irmão do nosso homenageado; Exmº Sr. Fernando Collor de Mello, signatário da presente sessão; Exmº Sr. Deputado Federal Rodrigo de Castro – e, cumprimentando o Rodrigo, cumprimento todos os Deputados e Deputadas presentes; Exmº Sr. (amigo) Henrique Hargreaves; senhoras e senhores, ao tomar posse, nesta Casa, falei da honra que sentia e da responsabilidade que estava assumindo a partir desse momento, ao suceder um homem como Itamar Franco, personagem único da história política brasileira, aqui trazido, mais uma vez, pelo voto do povo mineiro.

Um homem que, por força do destino, há quase vinte anos, viria de Minas Gerais dirigir e mudar os rumos de nosso País; mudar, senhoras e senhores, para melhor, e que, malgrado as importantíssimas conquistas de seu governo, jamais se deixou deslumbrar pelo poder.

Naqueles nem tão distantes anos noventa, todos se lembram, embora alguns hesitem em reconhecer, o Brasil vinha de um longo período de crises, de hiperinflação, de baixa autoestima do seu povo. Pois, a despeito disso tudo, em apenas dois anos de mandato, o Presidente Itamar iria colocar o Brasil no rumo da estabilidade e do desenvolvimento econômico, liquidando a hiperinflação, que chegou a superar inacreditáveis dois mil por cento ao ano, ou seja, quatro por cento ao dia!

Democrata, desde o início Itamar sinalizou como seria seu relacionamento com o Legislativo. Ao assumir a Presidência da República, reuniu presidentes de todos os partidos políticos para consultar se estariam dispostos a garantir não o seu governo, mas a governabilidade. Não fosse assim, renunciaria e proporia a antecipação das eleições. Esse era o Itamar desapegado do poder.

Ao aproximar-se ao fim do seu governo, não se deixou seduzir pelos que acenavam com a possibilidade de um segundo mandato. Ao fim de dois anos, de forma serena e democrática, Itamar Franco realizaria uma passagem tranquila da faixa presidencial ao sucessor – algo que não acontecia havia décadas.

Foi um Presidente revolucionário que, apenas para exemplificar, estabeleceu as primeiras políticas oficiais de combate à fome e à miséria; deu os primeiros passos para a implantação dos medicamentos genéricos; reformulou o Conselho Monetário Nacional, e implantou, pioneiramente, o programa de carro popular.

Itamar jamais dissociou a questão econômica da social. Em relação à dívida do País, costumava dizer: “Aos nossos devedores devemos dinheiro e dinheiro

se paga com dinheiro, não com a fome, a miséria e o desespero do povo brasileiro.”

Da equipe do Ministério da Fazenda, quando lhe traziam fórmulas e equações de política econômica, ele exigia garantias de que aquelas medidas não trariam más consequências à vida da dona Maria, lá do morro, que não conhecia mercados, *commodities*, nem bolsas de valores.

Os jovens, sempre presentes em seus pensamentos, eram como parceiros na atividade política, merecendo de sua parte uma grande preocupação com o seu futuro, e dele recebiam um carinho especial e uma atenção sincera em seus encontros.

Uma firme política nacional direcionada aos idosos também foi uma das metas de seu governo. Indignava-o o descaso com que essa faixa da população brasileira era tratada pelo Poder Público.

Íntegro, a ponto de ser considerado exótico, em todos os cargos públicos que ocupou, jamais transigiu com o malfeito. De todos com quem trabalhou, exigiu competência e lisura na Administração Pública. Aos que desrespeitassem essa norma, puniu, de forma imediata e implacável.

Homem simples, exerceu o poder sem usufruir de suas benesses. Não gostava da pompa, das cerimônias e solenidades. Manteve-se o Itamar de Juiz de Fora, a despeito dos altos cargos que exerceu.

Nos tempos adversos do regime militar, senhoras e senhores, Itamar saiu de Juiz de Fora para, eleito Senador, se revelar um dos grandes lutadores pela democratização, ao lado de outros bravos representantes, agrupados no então MDB

Os anos se passaram, mas o Itamar que esta Casa pôde rever por um breve e curto período, de pouco mais de quatro meses nesta Legislatura, foi o mesmo, combativo, independente, verdadeiro, que por aqui passara naqueles tempos difíceis.

Na campanha para o Senado, percorremos toda Minas Gerais, juntamente com Aécio e o nosso Governador Anastasia. Jamais vi faltar nele disposição. Para mim foi uma experiência inesquecível o período em que, por conta da campanha, pude estar perto desse homem maravilhoso.

V. Ex^{as} são testemunhas de sua última passagem por Brasília e se lembram de quão disposto ele voltou. Voltou apresentando projetos, cobrando resultados da Casa, engajando-se na luta pela valorização do Legislativo, pela defesa do exercício pleno e democrático da oposição, criticando o governo naquilo que considerava errado e até mesmo a oposição, para que assumisse posições, no seu entendimento, mais firmes.

Aqui, Itamar mostrou-se um crítico contumaz do Regimento Interno da Casa, que, em sua avalia-

ção, era implacável com as minorias, lembrando que, numa democracia, a oposição deve ter voz e direitos resguardados.

Nesse curto período, Itamar fez ainda mais amigos nesta Casa, governistas e oposicionistas.

Como era de seu feitio, a todos tratou com a educação e a gentileza que lhe eram peculiares. Assim como cumprimentava colegas e autoridades, tratava também os funcionários desta Casa ou visitantes que o abordassem no percurso do gabinete ao plenário da mesma maneira. Aos que o chamavam de Senador ou Presidente, ele levava o dedo indicador aos lábios, como a pedir atenção, e respondia com um simplório: “Itamar”.

Sr^{as} e Sr^s. Senadores, vários outros exemplo da vida honrada e profícua de Itamar Franco estão sendo lembrados no dia de hoje. Uma justa homenagem que fazemos a este homem íntegro, mas não apenas levados pela emoção que nos causou por ter ele sido levado de nosso convívio, mas por tudo que fez pelo nosso País.

O brasileiro que nos assiste neste momento espera, sobretudo, senhoras e senhores, consequências práticas do exemplo deixado por ele. Espera, Sr. Presidente, que o legado de honradez, decência e dedicação à causa pública não seja esquecido. Que o nosso Itamar Franco, portanto, não seja apenas uma referência, um exemplo a ser elogiado, mas o exemplo, sim, a ser seguido pela classe política; o exemplo de que o interesse coletivo deve sobrepor-se ao personalismo, ao interesse individual, político-partidário.

Sou novo nesta Casa, Sr^{as} e Srs. Senadores, mas sou veterano nas lides da vida, do trabalho. Tenho por norma traçar meus objetivos movido pelo idealismo de uma vida melhor e de oportunidades para todos. Essa motivação estará sempre presente na minha vida pública, assim como sempre norteou minhas atividades empresariais.

Fui suplente de Itamar Franco, um dos maiores estadistas que o Brasil conheceu.

Hoje, Senador da República por Minas Gerais, meu objetivo, minhas queridas filhas de Itamar Franco, nosso querido Dr. Augusto, é honrar sua memória, seu exemplo de homem público, certo de que este é um precioso caminho a ser seguido.

Sr. Presidente, o destino quis que eu estivesse aqui hoje, dando esses primeiros passos, substituindo esse homem e falando justamente em sua homenagem. Esteja certo, Itamar, que não irei decepcioná-lo.

Muito obrigado a todos. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. Bloco/PMDB – AP) – Antes de conceder a palavra ao Deputado Mauro Benevides, eu quero registrar a presença, na

Casa, dos Deputados Federais Alexandre Silveira, Bonifácio de Andrada, Carlos Roberto, Domingos Sávio, Eduardo Azeredo, João Bittar, José Humberto, Luiz Fernando Machado, Marcos Montes, Marcus Pestana, Roberto Freire, Rodrigo Maia, Stepan Nercessian, Toninho Pinheiro, do Deputado Estadual Bruno Siqueira e dos ex-Deputados Federais Philemon Rodrigues e Marcello Siqueira.

Com a palavra, o Deputado Mauro Benevides.

O SR. MAURO BENEVIDES (PMDB – CE. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Sr. Presidente, nobre Senador José Sarney, que honra e dignifica a vida pública brasileira, hoje, chefiando o Poder Legislativo depois de haver desempenhado as tarefas honrosas de Presidente da República; Sr. Ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota; Sr. Governador de Minas Gerais, Antônio Anastasia; Sr. Augusto Franco Júnior, irmão do saudoso Itamar Franco; Sr. Senador Fernando Collor de Mello, signatário da presente sessão, que objetiva reverenciar a memória imperecível de Itamar Franco; Sr. Deputado Federal Rodrigo de Castro; Sr. Representante do Governo do Estado de Minas Gerais em Brasília e Ministro da Casa Civil no Governo Itamar Franco, Sr. Henrique Hargreaves; Srs. Representantes, da Câmara dos Deputados e representantes de outros Ministérios, bem assim das Forças Armadas; demais ilustres convidados.

No dia 1º de fevereiro de 1975, Itamar Franco e mais quinze outros colegas, entre os quais me incluía, chegavam à rampa do Congresso Nacional. E todos nós, dezesseis Senadores, então eleitos, trazíamos conosco o compromisso maior que outro não era senão o de lutar pela normalização político-institucional do País.

Nessa diretriz, atuamos vigilantemente durante toda a nossa permanência naquela fase que ensejou a abertura política, preconizada então pelo Presidente Ernesto Geisel, e que teve como grande condutor naquele momento o então Presidente do Senado Federal, Senador Petrônio Portella, cujos noventa anos foram comemorados neste mesmo plenário, já teve a lembrança de todos nós que aqui comparecemos para render ao ilustre piauiense o tributo da nossa admiração, do nosso respeito, colaboradores que fomos da Mesa, que o teve como dirigente maior do Poder Legislativo, aquele Petrônio que comandou, com uma habilidade extraordinária as articulações que então se processavam num momento ainda difícil para que pudéssemos já sinalizar, alguns anos após, aquilo que significaria a reconstrução do Estado Democrático de Direito.

Conhecemos de perto Itamar Franco, naquela forma obstinada de conduzir as suas opiniões, sem fazer concessões a qualquer diretriz que se distanciasse daquilo que foi o grande apanágio da sua vida pública:

o respeito aos princípios éticos que para ele era algo verdadeiramente inarredável. Se Itamar Franco assim atuou respeitando os princípios éticos como Senador uma vez, como Senador duas vezes, como Governador, como Prefeito de Juiz de Fora, ele foi aquela figura que nós hoje relembramos com profunda saudade. Posso até, como um fato mais recente, dizer que, já quando ele se achava no terceiro mandato de Senador da República e vinha eu a esta Casa cumprimentar o Senador José Sarney e a ele transmitir uma informação de interesse do meu Estado, Itamar Franco, convidado para discursar, antes do seu pronunciamento, disse ao Presidente que desejava registrar a presença de alguém que, ao seu lado, estivera nesta Casa em momentos inapagáveis da nossa tradição político-parlamentar.

Foi esse homem que obstinadamente defendeu os interesses nacionais, empalmou a bandeira do Plano Real e soube fazê-lo com a maior firmeza e determinação. Se não fosse a sua forma imperturbável e obstinada de fazer cumprir aquela diretriz, evidentemente nós não teríamos vivido essa fase que, naquele momento, era auspiciosa e que, neste momento, gera preocupação pelo contexto mundial, incerto e intranquilizador.

Itamar Franco se projetou e garantiu para ele próprio o reconhecimento da própria História brasileira, o que é comprovadamente demonstrado de forma inequívoca na manhã de hoje aqui no plenário do Senado Federal.

Quando o Presidente José Sarney me designava para que viesse a esta tribuna ainda no embalo de uma profunda emoção, relembrei todos aqueles fatos que significaram a ascensão do Presidente Itamar Franco, aquele mesmo homem que o hoje Senador e então Presidente Fernando Collor de Mello foi buscar nos quadros políticos para seu companheiro de lutas exatamente por ser um homem de posição retilínea. Itamar demonstrou em todos os momentos, sobretudo naqueles mais dramáticos que nós vivemos, ser sempre um homem firme, leal, determinado, convicto de que, ao assumir a Presidência da República, jamais se afastaria daquilo que significara o roteiro da sua luta, sobretudo respeitando. E, sobretudo, respeitando aquele que fora o seu companheiro de chapa e que, por momentos excepcionais vividos pelo País, não continuou no desempenho da função, mas com a nobreza dos seus sentimentos e no discurso realmente cintilante que tive o privilégio de ouvir, e a Casa também o fez, o então Presidente e hoje Senador Fernando Collor enaltecia o seu companheiro de lutas, aquele que, ao seu lado, teve sempre uma postura absolutamente correta, sem em momento algum praticar um gesto de deslealdade, fato que também foi ressaltado pelo meu eminente colega, hoje meu colega na Câmara dos De-

putados, Hugo Napoleão, que exerceu com proficiência exemplar o Ministério da Educação e implementou, por inspiração do Presidente Itamar Franco, aquelas diretrizes que nortearam a sua atuação como integrante do primeiro escalão governamental.

Portanto, este momento é de relembrar. Eu poderia dizer nesses instantes derradeiros, nesse breve e emocionado pronunciamento que, ao telefonar para Itamar Franco – e relato, Sr. Presidente, demais membros da mesa, senhores presentes, relembro esse fato com profunda emoção. Telefonava eu para o apartamento de Itamar Franco no hospital em que ele se encontrava em São Paulo. Dizia lá para dona Neuza que o assistia, recebia e transmitia os recados, que desejava visitá-lo. Ele, então, veio ao telefone e disse: “Mauro Benevides, não venha me visitar aqui, não, porque estou ansioso para sair do hospital e reassumir a minha cadeira de Senador da República”. Essa foi uma lição que me comoveu! Ele, naquele estado semiagônico, demonstrava positivamente o seu desejo de voltar a esta Casa para servir a Minas Gerais e ao País.

É esse o homem que, na manhã de hoje, o Senado Federal reverencia a sua memória. Memória que, como ressaltei, é verdadeiramente imperecível, porque em todos os momentos soube honrar, dignificar e enobrecer a vida pública brasileira.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. Bloco/PMDB – AP) – Com a palavra, o Senador Pedro Simon.

O SR. PEDRO SIMON (Bloco/PMDB – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, distintas autoridades, prezados familiares do Presidente Itamar, senhoras e senhores, é importante o momento exato em que estamos realizando esta sessão com o momento que vive o Brasil.

A imprensa, hoje, começa a fazer justiça à figura de Itamar Franco. O seu jeito, eu diria, rude e a sua maneira, eu dizia, quase áspera de fazer política fizeram com ele nunca tivesse um atendimento especial com a imprensa, nunca tivesse uma preocupação em aparecer. Na hora em que tinha que expor um programa, fazer uma apresentação de obras do governo, ia o Ministro. Eu me lembro de que, quando se conseguiu o aumento enorme para a Previdência, uma vitória que se esperava há tanto tempo, o Antonio Brito dizia: “Mas o Itamar é que tem que falar; é ele que tem que ser. É uma coisa importante”. “Eu não vou!” E não foi. A singeleza e a simplicidade do Itamar é algo impressionante.

Eu e o Líder na Câmara dos Deputados, nosso querido Roberto Freire, que está ali, acompanhamos o que foi a vida franciscana e austera do Itamar. Já na vice-presidência, na república do pão com queijo, morava ele – o Hargreaves não porque tem uma bela

casa aqui – e outros de Minas Gerais numa casa onde dividiam quanto cabia a cada um para pagar as despesas da casa, quanto cada um pagava. Reuniam-se para discutir o sopão do fim da noite. Esse era o Itamar.

O Itamar, Presidente da República, saiu do Palácio, para onde ele foi depois de muito tempo, para entregar o Palácio para o Sr. Fernando Henrique organizar o seu governo. A montagem do governo de V. Ex^a foi ali, num prédio do Itamaraty; a do Itamar foi no Palácio do Planalto. Perdão! Planalto ou Alvorada? Planalto. Ficou à disposição do Presidente da República para montar o seu governo. Esse foi o Itamar.

Ele gostava muito de V. Ex^a, querido Dr. Franco. Ele dizia que devia muito a V. Ex^a, irmão mais velho, e que V. Ex^a, médico, ajudou a custear o estudo dele. Isso, ele guardava no fundo do coração. Quando ele quis colocar o seu filho, ele foi me pedir para colocar no meu gabinete de líder. E, quando eu disse que eu não tinha gabinete de líder, porque eu não montei gabinete de líder e fiquei só com o meu gabinete, seu filho morreu, sem nenhuma colocação, em lugar nenhum. Quando eu vejo agora nos jornais que o filho do Deputado tal, que o irmão do Senador tal, que a ex-mulher de não sei quem está aqui, está aqui, está aqui, ele não teve isso. Esse era o Itamar.

Eu estava dizendo agora para o meu querido líder que, quando o Itamar nomeou a Ministra dos Transportes, uma senhora muito competente, folha limpa e muito bonita, nós cobramos do Itamar: “Só porque é bonita, você a nomeou? De onde ela veio?” Ele falou: “Porque é bonita, não pode ser competente?” Uma semana depois, ele descobriu que ela era esposa do advogado da empresa que fazia o frete da ponte Rio-Niterói e a demitiu por telefone. Demitiu por telefone!

Hargreaves, V. Ex^a foi ao gabinete e, quando o chamaram para depor aqui, na Comissão de Constituição e Justiça, V. Ex^a disse: “Eu quero renunciar. Eu vou lá depor, mas não quero ir como Chefe da Casa Civil. Quero ir como cidadão”.

E veio depor como cidadão. Quando terminou o seu depoimento, foi aplaudido de pé. Aí, voltou.

Esse era o Itamar.

Quando eu vejo as suas filhas... Quantas vezes vocês andaram em jatinho da FAB? Quantas amigas vocês levaram para passar o final de semana no Palácio da Alvorada?

Esse era o Itamar.

As duas ficaram numa descrição total e absoluta. Só foram aparecer no jornal, nas fotografias, no velório do pai.

Esse era o Itamar.

Ele adorava as filhas. Ele adorava vocês. Vocês não calculam o carinho e o afeto que ele tinha por vo-

cês, o orgulho que ele tinha de vocês. Ele dizia que, por ele, ele gostaria que vocês estivessem com ele. Era até uma das razões por que ele dizia que não queria ir para o Alvorada, porque ele queria ir para uma casa, pois, aí, podia trazer as filhas para morar com ele.

Não vou trazê-las aqui para o Alvorada. Mas, se eu pegar uma casa ali, eu posso trazer minhas filhas para morar comigo.

Esse era o Itamar.

Nunca me esqueço: eu, líder do Governo – eu era das pessoas que tinha exagerada intimidade com ele -, Fernando Henrique, Ministro das Relações Exteriores – no seu lugar, Sr. Patriota –, me telefona para dizer: está aqui o Sr. Roberto Marinho, Presidente da Globo. Marcamos, eu combinei com o Itamar – ele topou –, para almoçar com o Itamar. O almoço pode ser no Alvorada. O almoço pode ser aqui no Itamaraty, o almoço pode ser lá na casa da Globo, o almoço pode ser em algum restaurante. E o Itamar não topou. Almoçaram o Sr. Roberto Marinho e o Fernando Henrique, lá no Itamaraty.

Não vou fazer só porque é da Globo. Não faço com ninguém. E não houve reunião de nenhum tipo, de qualquer natureza.

Esse era o Itamar.

Eu lembro quando ele escolheu o Ministério. Ele não queria nem na Fazenda nem no Planejamento gente de São Paulo. Ele achava que estava na hora de dar mais brasilidade e aquela história de paulista, paulista...

A manchete do *Estadão* foi, quando ele nomeou o Ministro da Fazenda de Pernambuco e o do Planejamento de Minas Gerais: “Grupo caipira assume o comando da economia do Brasil”. Essa foi a manchete.

Olhem, meus amigos, eu não conheço, na minha vida, uma pessoa da dignidade, da correção, da seriedade de Itamar Franco. Itamar Franco foi um Senador de primeira grandeza.

Naquela época, Senador era para valer. Hoje, nós aqui... Eu estou aqui, não valho dois mil réis. Mas, naquela época, um Senador parava o Congresso. E ele parou o Congresso. Várias vezes ele parou o Congresso. Criou uma CPI sobre energia nuclear em plena ditadura, Geisel Presidente da República, Geisel o autor do acordo Brasil-Alemanha, e os caras tremeram. E a CPI funcionou em plena ditadura.

Esse era o Itamar.

Olhem, na CPI que culminou com o afastamento do Presidente, Itamar não teve nenhuma participação, mas não tinha absolutamente nenhuma, não queria tomar conhecimento, em hipótese nenhuma. E terminou, no final, quando o Presidente do Supremo, Sidney Sanches, que presidiu o Senado, a sessão que decidi, numa quinta ou sexta-feira, não me lembro – creio que

era final de quinta-feira –, no gabinete do Presidente do Senado, chama-nos para buscar Itamar para o Itamar assumir a Presidência da República. O Itamar manda dizer: “Eu não vou. Deixem para segunda ou terça-feira, não vou no fim de semana”. Darcy Ribeiro, que estava ali, olhou e disse: “Pô!”.

Quando Jango foi derrubado, o Presidente do Senado, às duas da madrugada, disse: “O Presidente da República está no exterior em lugar incerto e não sabido. Declaro vaga a Presidência da República. Assume o Presidente da Câmara”. Dr. Tancredo se levantou aqui aos berros: “Não é verdade! Dr. João Goulart está na residência do Comandante do 3º Exército, em Porto Alegre, telefone tal. O senhor dê três horas e ele chega aqui. Ele está no Brasil, está em Porto Alegre. Está na casa do Comandante do 3º Exército!” Ninguém deu bola. Decretaram vaga a presidência. Aí diz o Darcy: “E agora o Itamar, hoje, quinta-feira, diz que só vai assumir na segunda ou na terça-feira”?

Esse era o Itamar.

No auge do prestígio dele com o Plano Real – nós discordamos; você é que estava certo, Roberto –, na revisão da Constituição, discutia-se a reeleição. A Câmara queria, o Congresso queria, os prefeitos todos queriam, os governadores todos queriam. O Itamar foi contra: “Mas eu fui constituinte. Na Constituinte, votei contra, como é que vou mudar agora?” E, na reunião, estava ali o Fernando Henrique: “Claro, eu também fui constituinte; eu também votei contra, e deve ser contra”. É verdade que depois ele mudou. Quando ele chegou ao Governo, apresentou uma emenda e, a rigor, compraram a reeleição. O Roberto era contra, queria a reeleição. Se nós tivéssemos aprovado a reeleição, ele seria reeleito, e o Brasil seria diferente.

Mas esse era o Itamar.

Se votei contra lá, agora vou votar a favor? E mesmos com o nosso voto contra, por nove votos não passou a reeleição, porque a esmagadora maioria dos governadores, prefeitos, era todo mundo favorável. A emenda da reeleição teve uma ampla maioria. Como precisava de maioria especial, ela não conseguiu. Falaram apenas 9 votos.

Esse era o Itamar.

Gasto do Itamar com publicidade, do Governo dele: zero. Zero. Propaganda onde aparecesse Itamar se expondo e expondo seu Governo: zero.

Esse era o Itamar.

Eleito, ou melhor, quando assumiu, a primeira coisa que ele fez – a rigor, dá para dizer, embora a imprensa nunca publique – foi um pacto de Moncloa. Ele, na Presidência, reuniu todo mundo, todos os Presidentes – lá estava o Lula, lá estava o Brizola –, todos os presidentes de todos os partidos, colocou o Ministério como se fosse uma banca escolar e disse:

Eu não sou Presidente pela vontade do povo. Quem decidiu foi o Congresso Nacional. Então, quero dizer que a responsabilidade pela condução é minha, mas a decisão de como fazer é de todos nós. Eu convido todos para governarmos juntos e quero estabelecer um pacto agora. Essa reunião é permanente. Em qualquer momento que houver uma crise, que eu ache que seja necessário, eu quero ter o direito de convocar. E qualquer presidente de partido que está aqui, o menor que seja, que acha que tenha um problema sério a ser enfrentado, convoque que vamos discutir.

Foi um aplauso geral. Foi uma unanimidade geral. E, graças a Deus, não precisou fazer reunião, porque em todo o Governo do Itamar não houve uma crise institucional que exigisse uma reunião.

Para a Erundina ser Ministra, ela teve que sair do PT, porque o PT não admitiu participar do Governo do Itamar. Se dependesse do PT, o Plano Real não seria aprovado, porque o PT era contra o Plano Real. O Plano Real não veio por medida provisória; foi discutido, debatido.

Lembra, Roberto, quantas vezes os Ministros vieram aqui, quantas emendas o Congresso apresentou, debateu, discutiu, para fazer um plano que foi da sociedade inteira? Não foi uma... Os técnicos apresentaram, é verdade, discutiram, mas a discussão, o debate, a redação final foi feita aqui no Congresso Nacional.

Na crise, a comissão do *Impeachment* foi adiante. E ali, na crise, apareceram fatos gravíssimos, envolvendo muita gente. Aí nós assumimos o compromisso de criar a CPI, que terminou sendo a CPI dos Anões do Orçamento. Mas ninguém queria. Não era Roberto? Ninguém queria.

Ninguém queria, mas agora o Governo assumiu. Governo novo. Vamos caminhar para frente, isso não é hora de fazer esse negócio.

Eu disse: Itamar, há um compromisso e vamos fazer. E saiu a CPI, foram cassados vários e vários parlamentares. Ele enfrentou e ele topou.

Eu fui Líder do Governo aqui e o Roberto foi Líder lá.

Eu desafio um Senador que diga que para votar um projeto o Itamar fez uma exigência, precisou nomear uma pessoa, uma emenda ou coisa parecida. Eu desafio. Quero que digam qual é a vez e qual foi a situação com qualquer parlamentar: olha, tem esse caso aqui, tem um negócio ali, vota conosco e tu vai ganhar isso, e tu vai ganhar aquilo.

Até se diz que o Itamar tinha os amores dele. Ele tinha uma simpatia fantástica pelos parlamentares

que se elegeram Senadores com ele em 74. Foi uma época bonita.

O MDB, em 70 perdeu a eleição – lembra Jarbas? Perdeu para os votos em branco. Primeiro lugar Arena, em segundo lugar voto em branco e em terceiro o MDB, que quase se extinguiu.

Em 74 se fez um movimento, uma mobilização, uma andança em termos de salvar o MDB.

Foi uma eleição difícil e a maioria das pessoas não toparam.

Não fui a Porto Alegre, fui buscar o Brossard, que teve uma vitória espetacular. O candidato natural era eu.

O Tancredo, cá entre nós, não foi em Minas Gerais.

Nós estávamos na discussão de quem vai ser e ninguém quer ser, lancei o Itamar Prefeito de Juiz de Fora e ele topou.

O Montoro não topou em São Paulo.

O Quércia, Prefeito de Campinas, saiu de Campinas e topou, aceitou.

Lá em Santa Catarina, um rapazinho do interior, ninguém imaginava, não era coisa nenhuma, terminou se elegendo.

Essa gente, o Itamar tinha muito carinho por elas.

Alguns, inclusive, foram seus Ministros, pelo respeito, pela seriedade, pela dignidade. E todos ficha limpa absoluta.

Vejo agora, pelo amor de Deus, no jornal de hoje, que o número dois do Ministério do Turismo tem currículo repleto de denúncia. Como é que o partido indica, para o número dois, um cidadão repleto de denúncia? E, querida Presidente, como a senhora aceita e nomeia um cidadão repleto de denúncia? Esta era a primeira coisa que o Itamar queria saber: a biografia do cara, quem era o cara. E é o que parece que a nossa Presidente da República vai fazer a partir de agora.

Esse era o Itamar. Esse era o Itamar! Olha, fez um grande governo, sério, honesto, correto, decente. No Governo, não teve preocupação com qualquer coisa em relação a V. Ex^a. Isso ele fez questão de não tomar conhecimento.

Eu vejo hoje, com muito respeito, a Presidente Dilma. Vejo com muito respeito. Acho que ela está tendo coragem. Pode ter equívocos aqui e acolá, acho que devem ser analisados. Mas acho que ela está fazendo o que Itamar fez, o que o Fernando Henrique não fez e o que o Lula não fez.

Nós fomos ao Fernando Henrique para demitir... demita! O escândalo da Vale. Estava tudo organizado, certo, com os grandes empresários, tendo a Votorantim à frente. E se organiza um grupo, ninguém sabe como, e os fundos de pensão do Banco do Brasil e da Petrobras largaram aqueles e foram para aquele outro lado, e a Vale foi vendida por três milhões, com dinheiro dado

pelo Banco do Brasil, e foi dado de graça. Ninguém foi demitido. Aliás, até o Ministro se demitiu daqui. Num debate comigo, pediu a renúncia daqui.

Ele pediu renúncia, achando que não estava em condições. Mas o Governo não fez nada. Quando Waldomiro, Subchefe da Casa Civil, apareceu na televisão – aliás, apareceu mil vezes pegando dinheiro, botando no bolso e discutindo comissão –, o Lula deveria ter demitido e não demitiu. Quando pedimos a CPI, ele não deixou criar. O Senador Jefferson Péres e eu entramos no Supremo. Ganhamos um ano depois, mas um ano depois não era mais o Waldomiro, era a CPI do Mensalão. Como não puniu o primeiro, as coisas continuaram.

Isso não aconteceu no governo do Itamar, porque no governo do Itamar o cidadão sabia que a linha dele era essa. Por isso, felicito a Presidenta. Se ela demitiu o todo-poderoso Chefe da Casa Civil, e demitiu bem, se ela está tomando essa linha, é uma linha para saber que no seu governo a seriedade é fundamental. A melhor homenagem que se pode prestar ao Itamar é exatamente iniciar, é o que está acontecendo.

Fui convidado outro dia para isso. A OAB, a CNBB, várias igrejas, várias entidades de várias sociedades estão se reunindo para iniciar no Brasil uma mobilização pela seriedade, pela dignidade pela coisa pública. Isso é correto. Isso vale a pena. Quando o Presidente do Supremo manda um projeto a esta Casa, uma ideia a esta Casa para terminar com a impunidade, isso é correto. É a grande homenagem que se faria a Itamar: terminar com a impunidade. Para terminar com a impunidade, tem que ser feita apenas uma coisa: a Justiça tem que julgar. Como no resto do mundo.

Até acho engraçado, porque passei 30 anos, na época da ditadura, defendendo os direitos humanos, defendendo a liberdade, defendendo o direito de defesa. Passei o tempo todo fazendo isso, e o Supremo não fazia nada. E cadeia e aquela coisa... Agora é o contrário. Parece que sou eu o homem mau e essa gente agora é que defende o direito de defesa. Sou favorável ao direito de defesa. Não mudei. Eu não mudei. Apenas acho que o direito de defesa, que o direito de só ir para a cadeia quem é condenado, *in dubio pro reu*, tudo isso é correto. Como acontece na Europa, nos Estados Unidos e em outros países, o cara é condenado na primeira instância, recorre; é condenado na segunda, lá, como aqui, pode recorrer umas quantas vezes, mas lá, na segunda, se é político, cai fora; se é penal, vai para a cadeia.

Lá, como aqui pode recorrer umas quantas vezes. Mas lá, na segunda, se é político, cai fora; se é penal, vai para a cadeia. Continua respondendo, mas preso. Aqui no Brasil, não. Colarinho branco e político

importante que são processados não pegam advogado para fazer a sua defesa. Não, esse advogado não. Pegam advogado para fazer chicana, para passar um ano, dois anos, três anos, quatro anos, cinco anos, dez anos, e cai por decurso de prazo. Não vou citar nomes, mas nós temos alguns casos ilustres, inclusive de ex-governadores que há trinta anos têm quarenta processos, quarenta condenações, mas nenhuma em caráter definitivo, porque tudo prescreveu.

É o que vem agora o Presidente do Supremo dizer. Certíssimo o Presidente do Supremo, na linha da ficha limpa que o Congresso aprovou. É condenado uma vez, sim, é condenado a segunda, continua debatendo, defendendo, tem o direito amplo de defesa, mas não gozando com a cara da gente na rua. Aí ele vai pegar um advogado para se defender. Aí ele vai correr para pegar um bom advogado para julgar, para decidir, para que ele saia da cadeia ou para que ele possa ser candidato.

É a grande homenagem que nós estaríamos fazendo a Itamar Franco. Ele era isso.

Minha querida Fabiana, minha querida Georgiana, aquele gurizinho é parecido mesmo com o Itamar, tem o jeito. Vai longe o guri. Acomoda-te nessa cadeira que o teu avô esteve aí e fez sucesso nessa cadeira. Eu digo que vocês têm que ter muito orgulho do pai de vocês. Muito orgulho. Ele não deixou fortuna. Ele nunca esteve preocupado, ele contava até os tostões. Ele estava preocupado e brigou quando era Ministro da Saúde porque as contas dos medicamentos da mãe dele estavam muito caras. Ele disse: “Não dá mais, eu não consigo mais pagar.” Mas ele deixou um nome para vocês, deixou uma memória da qual vocês devem se sentir orgulhosos. Foi um grande homem.

Esta reunião é singela. Não podia estar aqui. Esta reunião tinha que ser lá na Câmara dos Deputados. Tinha que ser uma reunião convocando praticamente o Brasil inteiro.

Mas o Congresso é assim. Nós estamos aqui. Tanto o Aécio como eu tivemos de sair correndo, porque, neste momento, está sendo julgada, lá na comissão, a nossa decisão sobre as medidas provisórias. Agora, está começando a falar o Ministro da Agricultura; na outra Comissão, está o Ministro não sei do quê; e nós estamos aqui. Mas não importa a quantidade.

Eu posso dizer para você, minha querida, que o Brasil está acompanhando. Eu posso dizer para vocês que a história será feita, a justiça. Se ele não teve quando vivo, terá ao longo do tempo.

Eu tenho a mais absoluta convicção de que nós estamos vivendo um momento de profundas transformações. Essa época de *Cosa Nostra* em que as coisas aumentam, o escândalo de hoje desaparece porque

amanhã aparece um maior e termina e se esquece, isso vai terminar; e o Brasil da sinceridade, da ética, da moral, da dignidade vai sobreviver.

Eu tenho certeza de que Itamar Franco, lá adiante, vai ser considerado o patrono da moral, da dignidade, da seriedade.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. Bloco/PMDB – AP) – Concedo a palavra ao Deputado Gabriel Guimarães.

O SR. GABRIEL GUIMARÃES (PT – MG. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Bom dia a todos.

Cumprimento o Sr. Presidente José Sarney, o Ex^{mo} Sr. Antonio Patriota, Ministro das Relações Exteriores, o Ex^{mo} Sr. Antonio Anastasia, Governador do meu Estado, o Sr. Augusto Franco Júnior, irmão do homenageado; o Ex^{mo} Sr. Aécio Neves, também signatário desta sessão, o Ex^{mo} Sr. Fernando Collor de Mello, signatário desta sessão, o Ex^{mo} Sr. Rodrigo de Castro, que também assina esta sessão, o representante do Governo do Estado de Minas em Brasília, Sr. Henrique Hargreaves. Cumprimento também todos os familiares que aqui representam a família do homenageado desta sessão.

Sr. Presidente, muito se poderia dizer e já foi dito sobre o papel do ex-Presidente e Senador Itamar Franco, do papel que teve para a democracia brasileira, no combate à fome, sobre a sua postura, a sua forma de fazer política no País.

Portanto, vou me concentrar num dos pontos que considero fundamental e que une essa atribuição que me foi conferida pela bancada dos Partidos dos Trabalhadores de representá-la nesta tão bonita homenagem.

Vejo aqui vários amigos que nos são comuns. Amigos de Juiz de Fora, Professor Henrique Duque, Exmo. Sr. Deputado Bruno Siqueira, vários amigos que fazem parte da história do ex-Presidente Itamar e fazem parte também da nossa história.

Como ia dizendo, quero focar em um dos pontos que une o Partido dos Trabalhadores ao trabalho tão bonito e tão importante que desempenhou o Presidente Itamar: a defesa das empresas públicas. Um trabalho que demonstra a importância do papel do Estado no desenvolvimento econômico.

O ex-Presidente Itamar não se cansou e não mediu esforços até mesmo com medidas à época consideradas polêmicas, como colocar as polícias civil e militar do nosso Estado na defesa daqueles que são patrimônio nacional.

Essa honra que o Presidente Itamar fez na defesa de um setor que, hoje, considera-se um setor que

superou várias etapas, que é o setor elétrico, teve ali um papel brilhante e fundamental do Presidente Itamar.

Então, são falas breves que deixo aqui, mas eu não poderia deixar de render também minha homenagem e reconhecimento.

Nós, o Partido dos Trabalhadores, tivemos uma relação nesses pontos progressistas da defesa do ex-Presidente Itamar, que tiveram aqui papéis importantes. Tenho aqui, inclusive, de citar alguns nomes do Partido dos Trabalhadores que fizeram parte desse movimento conjunto com o ex-Presidente Itamar. Lembro-me do papel do Deputado Estadual Adelmo Leão, Deputado de Minas Gerais, do presidente de honra do Partido dos Trabalhadores, Aluísio Marques, do meu pai, Deputado Virgílio Guimarães, que, com todo orgulho, foi o coordenador da bancada itamarista – e até hoje fala disso com emoção, de todo o carinho que tinha o ex-Presidente Itamar sempre que o recebia para tratar de assuntos de interesse de Minas.

Então, nessas palavras, registro esse papel que teve o Itamar e que será lembrado por toda a história. Será lembrado por Minas e pelo Brasil, pelo desenvolvimento do setor elétrico. Foquei no setor elétrico. Já se referiram a vários outros assuntos que também foram bandeiras do ex-Presidente. Fiz questão de tratar deste setor, que considero fundamental para o País, para o desenvolvimento atual e futuro da nossa Nação.

Muito obrigado a cada familiar, por ter nos presenteado com um convívio tão importante com o ex-Presidente Itamar.

Muito obrigado a cada um de vocês.

Falei que seria breve, mas eu não poderia deixar de registrar o orgulho que tivemos de poder trabalhar com o ex-Presidente nessa defesa tão importante.

Um bom dia a todos.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. Bloco/PMDB – AP) – Antes de conceder a palavra ao Governador do Estado de Minas Gerais Antonio Anastasia, que vai falar em nome desse grande Estado brasileiro de tantas tradições, eu quero, justamente, em homenagem a Minas Gerais, passar a Presidência dos nossos trabalhos ao Senador Aécio Neves.

Mas, antes, eu não poderia deixar de dizer com quanta emoção eu presido esta sessão, porque me considero uma pessoa que teve uma estreita amizade com Itamar Franco ao longo de nossas vidas. Fomos vizinhos por doze anos, morando no mesmo prédio, na mesma prumada, e posso testemunhar que Itamar teve como seu primeiro amor na política não a Prefeitura de Juiz de Fora. O primeiro amor que ele teve, o verdadeiro, foi com o Senado Federal.

Ele aqui chegou em 1974, e eu já estava aqui. Ele ocupou um espaço extraordinário nesta Casa. Foi um analista seguro de todas as matérias que eram submetidas ao exame do Senado. Ele se aprofundava no debate e no estudo dos problemas e foi um exemplo de retidão, de uma compostura reta, retidão esta que não foi somente como político, retidão esta que ele foi como cidadão, retidão esta que ele foi como servidor da Pátria; retidão esta que ele teve no carinho com as suas filhas e no respeito que sempre teve pela instituição familiar.

Portanto, eu quero prestar esta homenagem ao Senador Itamar Franco.

O Coronel Peluso é testemunha de que eu quase não o deixava livre, durante todo o dia, nos telefonemas que, não só por hora, mas às vezes até por meia hora, eu procurava acompanhar o estado de saúde de Itamar Franco, cuja doença o pegou de surpresa e a todos nós.

Itamar será sempre aqui no Senado uma saudade que não passará. Mas, para que fique permanente a sua lembrança nesta Casa, porque as palavras muitas vezes desaparecem com o tempo, quero apresentar um projeto de resolução, dando o nome do museu do Senado Federal de Museu Histórico Senador Itamar Franco. (*Palmas.*)

E por que o museu desta Casa? Porque o Itamar também tinha preocupações de natureza cultural. Quando ele chegou aqui, já em 1976, ele elaborou um projeto de lei para instituir o Museu Histórico do Senado Federal. E, com grande perseverança, em 1987, ele apresentava uma nova proposta, a de nº 17, que foi a Resolução nº 26, instituindo o Museu Histórico do Senado Federal.

Portanto, nada mais justo do que perpetuar a sua memória dentro desta Casa, dando o seu nome ao museu do Senado Federal.

Com esse gesto, quero prestar a minha homenagem à memória desse grande brasileiro e, também, a saudade que eu tenho desse grande amigo que nós todos perdemos. (*Palmas.*)

Muito obrigado. (*Palmas.*)

Passo a Presidência ao Senador Aécio Neves. (*Pausa.*)

O Sr. José Sarney, Presidente deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Aécio Neves.

O SR. PRESIDENTE (Aécio Neves. Bloco/PSDB – MG) – Passo a palavra ao ilustre Governador do Estado de Minas Gerais, Governador Antonio Augusto

Anastasia, que certamente falará, com legitimidade, em nome de todos nós mineiros.

O SR. ANTONIO ANASTASIA – Eminentíssimo Senador Aécio Neves, que preside esta sessão solene do Congresso Nacional em homenagem ao Senador Itamar Franco; eminente Chanceler Antonio Patriota; estimado Deputado Federal Rodrigo de Castro, aqui representado a Câmara dos Deputados; Ministro Henrique Hargreaves; Dr. Augusto Franco; eminentes Senadores; eminentes Deputados Federais; autoridades que aqui se encontram; Georgiana e Fabiana, filhas do saudoso Senador Itamar Franco, é também com muita emoção que tenho aqui a oportunidade de em nome de Minas Gerais, trazer a palavra dos vinte milhões de mineiros em favor da memória do grande Presidente Itamar Franco.

Tive a oportunidade como cidadão, ao longo dos últimos anos, de conviver de modo muito próximo com o cidadão Itamar Franco, pessoa singular, peculiar nas suas características, peculiar nas suas tradições e, mais do que tudo, homem que devotou a sua vida ao interesse público e ao amor entranhado a Minas Gerais. Nacionalista, reviveu os ideais de Arthur Bernardes no Governo de nosso Estado, defendendo acima de tudo os valores de Minas, nossa riqueza com amparo firme no seu patrimônio. Itamar Franco em tudo que defendeu o fez com ardor, com amor, com devoção, mas em especial, com o coração largo, como aqui foi dito.

Tinha uma preocupação especial com as pessoas mais humildes, com aquelas que ele sabia que seriam atingidas pelas decisões de governo e, sempre indagava: “Qual será a repercussão desse ou daquele ato no cotidiano, no dia a dia das pessoas mais singelas da nossa população?” Itamar Franco enquanto presidente do Conselho do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, eu era ali o seu companheiro nesse colegiado, apresentava permanentemente idéias, propostas a favor do desenvolvimento de Minas Gerais, aliás, característica dele enquanto foi Presidente da República e teve a iniciativa do patronato do nosso Plano Real, que modificou a realidade de nosso Brasil.

Posteriormente, como aqui mencionou em seu discurso, o Senador Zeze Perrella, estivemos juntos na caminhada ao lado de Aécio Neves por toda Minas Gerais no ano passado, quando os mineiros, e bem lembrou o Senador Aécio, prestaram-lhe uma grande homenagem, trazendo-o, de novo, a esta Casa.

Presidente José Sarney, de fato, V. Ex^a foi muito feliz. Itamar Franco tinha pelo Senado um apreço inestimável. Aqui, ele se sentia feliz; aqui, ele se sentia acolhido. Ele sabia que aqui a sua voz altiva, altaneira e solene, como impõe Minas Gerais, era sempre ouvida e

sempre auscultada. Exatamente dentro desse objetivo, nós, mineiros, o trouxemos novamente para cá, para falar por Minas, para que o Brasil todo pudesse ouvir a sua voz, com a sua autoridade moral, com a sua ética, com os seus princípios. Homem simples, é verdade, mas, ao mesmo tempo, um homem republicano na inteireza da expressão, em todos os seus aspectos.

Lamentavelmente, quis a vida que ele se afastasse de nós por uma doença, como aqui foi dito, que nos pegou, todos, de surpresa. Por isso mesmo, quando Itamar nos deixa, nós só podemos, de fato, a essa altura, reverenciar fortemente a sua memória. Portanto, aqui estou.

O Dr. Augusto Franco também me pediu para fazer um agradecimento ao Senado Federal por essa iniciativa do Senador Aécio, do Senador Collor, dos demais Senadores, que apresentaram aqui a proposta, eminentíssimo Presidente, de realizar esta sessão solene. Georgiana e Fabiana, Minas Gerais, permanentemente, fará sempre respeito e tributo à memória do Presidente Itamar.

O Presidente José Sarney acaba de tomar a iniciativa louvável de sugerir o nome do Presidente Itamar para o Museu Histórico do Senado, ele que sempre foi um homem de cultura. Aliás, Sr. Presidente, por uma coincidência, na semana passada, também tomei iniciativa de lançar um grande projeto cultural em nossa capital, Belo Horizonte, para a construção da sede da Orquestra Filarmônica e da sede da TV Minas e da Inconfidência, num grande complexo cultural, e também atribuí o nome de Presidente Itamar Franco a esses prédios, que ficarão ostentando para a posteridade a homenagem dos mineiros ao nosso Presidente. *(Palmas.)*

O Deputado Estadual Bruno Siqueira também tomou a louvável iniciativa de, na nossa Casa Legislativa estadual, propor o nome dele ao Expominas, em Juiz de Fora, e ao Aeroporto Regional de Goianá, na Zona da Mata, ambos são iniciativas do nosso Presidente Itamar quando foi Governador de Minas Gerais.

Acredito, todavia, que serão sempre poucas as homenagens que faremos à sua memória, tanto foi o seu esforço a favor do Brasil.

Tudo o que aqui foi dito e será dito, como eu há pouco mencionava, ainda será modesto diante da grandeza do seu caráter e do seu coração.

E concluo aqui as minhas palavras.

Parece-me que não há homenagem maior do que aquela que vimos, meu caro Hargreaves, Georgiana e Fabiana, quando o corpo, no féretro, do Presidente Itamar deixava o aeroporto de Juiz de Fora em direção à Câmara Municipal para o velório na sua cidade natal

e tão querida. Vimos, às centenas e aos milhares, as pessoas de todas as idades nas janelas de sua residência, com lenços, lençóis brancos, chorando, acenando, com a mão no coração, numa homenagem verdadeira do povo de Minas e do povo do Brasil à memória querida do nosso Presidente Itamar Franco.

A família receba os nossos abraços.

Os mineiros, eminente Senador Aécio Neves, que preside esta sessão, estão emotivos e emocionados com a cerimônia que aqui se faz.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Aécio Neves. Bloco/PSDB – MG) – Gostaria de, antes de chamar a próxima oradora, também de público me associar ao Governador Anastasia, pelo que disse, e agradecer ao Presidente José Sarney a belíssima homenagem que vai marcar definitivamente o nome do Senador Itamar Franco na história desta Casa, no nosso museu.

Com a palavra, a ilustre Senadora Lídice da Mata.

A SRA. LÍDICE DA MATA (Bloco/PSB – BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente; Sr^{as} e Srs. Senadores; representantes da família; autoridades e representantes do povo mineiro; Sr. Governador de Minas Gerais, Anastasia, que acabou de falar; senhores integrantes desta Mesa de homenagem ao Senador Itamar Franco, usar da tribuna após o Senador Pedro Simon e o Governador Anastasia é, sem dúvida nenhuma, muito difícil para mim, principalmente acometida de uma faringite, que me faz perder um pouco o fôlego.

O Senador Pedro Simon, conhecido pela sua poderosa oratória e sua envergadura política e moral, que foi Líder no Senado do Presidente Itamar, aqui falou dele com tanta propriedade, com tanta riqueza de detalhes sobre sua administração e sua vida, tornaria até dispensável qualquer outra fala neste dia de hoje. No entanto, sinto-me na obrigação de dar um testemunho a respeito do Presidente Itamar, beneficiada que fui de sua generosidade e, mais do que isso, de sua integridade política.

Saúdo aqui também seu líder na Câmara à época, Deputado Roberto Freire.

Fiz questão de, na primeira sessão do Senado após a morte do Presidente Itamar, também aqui me pronunciar. Agora quero falar rapidamente para dizer que não tive uma grande convivência de muitos anos com o Presidente Itamar. Já o conhecia pela história política que tinha, de ler, de ouvir falar, de acompanhar sua trajetória política, mas tive oportunidade de contracenar com o Presidente Itamar, caro Presidente Senador Aécio, quando eleita Prefeita de Salvador e pude visitá-lo.

Fui eleita numa circunstância, como na política costuma-se dizer, de uma zebra, contra os poderes e o *status quo* estabelecido em meu Estado, contra o Governo do Estado, fui eleita Prefeita da capital, em oposição aos principais grupos políticos do meu Estado, por uma larga coligação de partidos de oposição ao carlismo, como nós caracterizávamos os opositores ao Senador e Governador Antonio Carlos Magalhães.

Estive com o Presidente Itamar logo após eleita porque havia sido acordado que Salvador seria a sede da Conferência Ibero-Americana no Brasil. Assim que o Presidente Itamar se elegeu, houve um burburinho de que ele reveria essa situação.

Então, fui ao Presidente Itamar para convencê-lo de que lá deveria continuar sendo a sede da Conferência Ibero-Americana. Fui acompanhada de dois secretários. Um secretário havia sido seu colega na Câmara dos Deputados e o outro o conhecia havia muitos anos. E o primeiro contato que tive com o Presidente Itamar foi justamente nesse momento em que ele nos acolheu. Nós o tratávamos por Presidente, por Vossa Excelência, fazendo todas as reverências que o protocolo exige, mas ele virou-se e disse: “Leonelli, pára com isso! Você é meu amigo, meu companheiro de luta e vem aqui agora chamar-me de Vossa Excelência. Trate-me por você!” Essa foi a primeira impressão que eu, ainda uma jovem Prefeita, quando também era Prefeita o Senador Jarbas Vasconcelos, tive daquele homem, que era o Presidente do Brasil, que eu visitava cheia de timidez. Presidente do Brasil que não havia sido eleito para Presidente da República no início de uma democracia que já se mostrava absolutamente incipiente. E o Presidente Itamar foi se desdobrando na minha visão, nos nossos contatos.

No momento seguinte, além de confirmar a Conferência Ibero-Americana em Salvador, disse a mim: “Eu lhe darei todas as condições para que a realize da melhor maneira possível.” Fui ao Ministro das Relações Exteriores, Fernando Henrique, depois Presidente, membro do meu Partido – à época eu era do PSDB –, e lhe disse: “Olha, Fernando, você vai ter que me ajudar. Lá a luta política é muito difícil e é óbvio que o Governo do Estado vai querer me esmagar, me tirar desse jogo, e quem lutou para trazer a Conferência Ibero-Americana para Salvador foi a Prefeitura, não foi o Governo do Estado”. Fernando disse: “Ah, Lídice isso é muito complicado. Isso aqui é protocolo do Itamaraty. Você vai participar, mas vai participar no seu lugar de Prefeita. Não dá para você... Todo mundo da Bahia é assim, já vem brigando, já vem procurando confusão. Não dá para ser desse jeito”. Eu disse: “Ah, tá bom. Se você acha que vai ser assim, eu vou procurar o

Presidente porque o Presidente disse que me daria todas as condições para realizar aquela conferência da melhor maneira possível”.

Procurei o Presidente Itamar. Quando cheguei, historiei para o Presidente Itamar como seria a conferência, de quais atividades estaríamos participando e a forma como participaríamos naquele protocolo rígido do Itamaraty, uma forma muito, muito secundária. Ele disse: “Lídice, volte para Salvador, que vou ligar para o Ministro das Relações Exteriores e dizer que você vai participar de todas, de absolutamente todas as cerimônias junto a Chefes de Estado, porque nós não vamos permitir uma secundarização do papel político da Prefeitura, porque sei o que representa para a cidade de Salvador e para as forças democráticas em Salvador”.

E assim foi. A Conferência Ibero-Americana foi um sucesso em Salvador. A cidade recebeu os Chefes de Estado muitíssimo bem, com todas as condições, porque o Governo Federal liberou recursos e ajudou nessa organização. Mesmo que o Itamaraty insistisse em ficar irritado, o Presidente Itamar fazia de conta que não ouvia as reclamações, e eu participava, ao seu lado, junto com o Governador Antonio Carlos Magalhães, de todas as cerimônias importantes, com a presença dos Chefes de Estados, do rei e da rainha da Espanha, de todos os Chefes de Estado. Lá estava eu, a única que não fazia parte, digamos assim, daquele protocolo estabelecido formalmente.

No segundo momento, o Presidente Itamar, novamente, não faltou à Bahia quando, logo depois daquele momento, tinha eu como um dos principais aliados da minha gestão o Ministro Jutahy Júnior e seu pai Jutahy Magalhães, Senador desta Casa, e o Governador da Bahia resolveu anunciar que entregaria a Itamar um dossiê com uma série de denúncias de corrupção naquele Ministério. O Presidente Itamar disse que o receberia. E saiu em todos os jornais, em toda a Imprensa que aquele grupo dominava na Bahia dizendo que a Oposição na Bahia ia ruir porque o Presidente Itamar ia receber o dossiê que expressava as falcatruas do Ministério de Integração Regional, do Bem-Estar Social, à época dirigido pelo Ministro Jutahy Júnior.

Qual não foi a surpresa do ex-Governador do Estado quando, lá chegando, viu que estava convocada toda a Imprensa do Brasil, em uma cerimônia que deixava de ser particular, com o Presidente, uma sessão de intrigas, para que ele demonstrasse, diante da Nação, aquelas acusações que pretendia fazer.

Ali estava um Presidente que, além de íntegro e honesto, era, acima de tudo, leal com aqueles que ele entendia que representavam o pensamento demo-

crático em nosso País. O Presidente Itamar, como já foi dito aqui, foi o Presidente que estabeleceu a ponte democrática neste País, que consolidou a democracia. Elegemos, pela primeira vez, um Presidente da República que havia saído do governo.

Naquele momento de instabilidade política, ele assume e dá estabilidade à moeda nacional, implementando o Plano Real, que até hoje é a expressão da estabilidade econômica do nosso País, e dá também a estabilidade democrática. Convida para ser seu líder no Senado um homem com a estatura de Pedro Simon, conhecido do País inteiro pela sua história de vida contra o governo militar em nosso País, convida para ser Líder na Câmara dos Deputados um Deputado que era líder e Presidente de um partido comunista, convida uma ministra do PT, que sai do PT, conhecida pela sua tradição, também, de oposição e de esquerda no Brasil, a Deputada Luiza Erundina e, portanto, faz, na prática, aquilo que era a aliança democrática para constituir a democracia em nosso País.

O Presidente Itamar desejaria, certamente, ter nascido em Juiz de Fora, em Minas Gerais. Tenho convicção de que, se ele pudesse escolher, teria escolhido nascer em Juiz de Fora. Mas o destino o fez nascer nos mares da Bahia. Mineiro, profundamente dedicado, arraigado às tradições de Minas, talvez possa explicar as suas, às vezes, intempestivas aparições justamente o espírito um pouco anárquico que as águas da Bahia lideram.

A anarquia dessa relação profunda, mestiça, do nosso povo baiano, fincado profundamente nas suas raízes africanas, que também é comum ao povo mineiro, deu ao Presidente Itamar a oportunidade de não nascer em canto algum do Brasil para que ele pudesse ser de todos os brasileiros e pudesse fazer a sua obra voltada para a defesa dos interesses do nosso País.

Assim como Ulysses Guimarães, que morreu no mar e não pôde ter um túmulo identificável pela sua obra quase heróica durante o período da ditadura militar, pela representação que teve para todos aqueles que lutavam por democracia em nosso País, o destino fez de Ulysses um homem sem túmulo e fez de Itamar aquele que consolidou a transição democrática neste País, aquele que deu o instrumental fundamental para que a democracia se consolidasse politicamente no Brasil, com o Plano Real, com o plano econômico, com a nova moeda, fez de Itamar aquele que permitiu a abertura política de fato, levando para o seu governo forças políticas que até então eram discriminadas no conjunto da sociedade. Ele também não teve um solo definido para nascer; o destino o tornou, desde o seu nascimento, um homem de todo o Brasil.

Quero, portanto, deixar a minha homenagem ao Presidente Itamar pela sua retidão de caráter, pela sua firmeza de compromissos, pela suas convicções nacionalistas, pela coragem de enfrentar, em todos os momentos, qualquer um, desde que estivesse expressando as suas posições, como fez quando da privatização, no Governo de Fernando Henrique, da mineradora em Minas, quando surgiu, no Brasil inteiro, o seu brado, ameaçando até o governo constituído, dizendo que ele não ia permitir aquele tipo de ação em Minas. Essa era a característica de Itamar. A referência política, a ciência política que tentar enquadrar Itamar em algum receituário previamente estabelecido não conseguirá, porque ele não tinha essa formação nem esse compromisso; ele tinha um compromisso com os seus próprios ideais, com as suas próprias ideias, e foi absolutamente fiel a eles até o fim.

Muito obrigada. (*Palmas*)

O SR. PRESIDENTE (Aécio Neves. Bloco/PSDB – MG) – Vou chamar o próximo orador inscrito. Estamos chamando, de forma intercalada, um Deputado e um Senador.

Em razão de termos ainda vários Senadores e Deputados inscritos para falar, eu tomaria a liberdade de solicitar que os próximos oradores, em razão do adiantado da hora, pudessem fazer suas homenagens no prazo mais breve possível.

Chamo o ilustre Deputado Marcus Pestana.

O SR. MARCUS PESTANA (PSDB – MG. Pro-nuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador ex-Governador Aécio Neves, que preside esta sessão; nosso Governador Anastásia; Deputado Rodrigo de Castro, nosso amigo e signatário do requerimento; Senadores, Deputados, autoridades presentes; queria saudar a família, minha ex-aluna Fabiana, da Faculdade de Economia, Georgiana, Augusto Franco, toda família; aos amigos, em nome de Henrique Hargreaves; amigos presentes, Ruth, Djalma, Marcelo, Bruno, lideranças da sociedade civil; nosso reitor da UFJF, Henrique Duque; Robson Andrade, da CNI; senhores e senhoras.

Em um tempo em que proliferam escândalos na vida pública e a ação política é ameaçada pela medocritização e pelo fisiologismo, a ausência de Itamar Franco provoca, necessariamente, uma reflexão profunda.

Itamar Franco foi um daqueles políticos singulares na história do Brasil. O conterrâneo mais ilustre da minha Juiz de Fora. Símbolo de ética, dignidade, firmeza, espírito público e nacionalismo. Sim, Itamar Franco foi acima de tudo um nacionalista. Pulsava nele, como em poucos, o sentido de nação que um dia Vinícius poeticamente descreveu: “Não te direi o nome,

pátria minha. Tu nome é pátria amada, é patriazinha (...) vives em mim como uma filha, que és. Uma ilha de ternura: a Ilha Brasil, talvez”. Animava Itamar o pulsar de um coração guerreiro e civil, que pensava sempre na construção de um grande país e que transpirava na ação cotidiana o desejo dos mineiros Milton Nascimento e Fernando Brant: “Quero a utopia, quero tudo e mais, quero a felicidade dos olhos de um pai, quero a alegria, muita gente feliz, quero que a justiça reine em meu país”.

Lembro-me bem dos meus 10 anos, em 1970, dos comícios, santinhos e, principalmente, do *jingle* da campanha que elegeu meu pai na sua sucessão na Prefeitura de Juiz de Fora. Lembro-me bem dos fuscas, das cornetas ecoando o refrão: “As obras não podem parar, Agostinho Pestana depois de Itamar”. Isso que elegeu meu pai em uma votação histórica. Itamar tinha sido eleito aos 36 anos, em 1966, acompanhado de uma nova geração de políticos e técnicos, e promoveu uma administração histórica e modernizante.

Em 1974, após ser eleito para um segundo mandato à frente da Prefeitura, Itamar teve um gesto de coragem e ousadia – traços que sempre o acompanharam. Itamar acreditava na afirmação do estadista inglês: “sem coragem, as outras virtudes carecem de sentido”. Desligou-se do cargo de prefeito... Dizem que há um folclore em Juiz de Fora de que à meia-noite ele mandou atrasar o relógio em uma hora; o Mauro Durante foi lá e atrasou em uma hora – o Henrique comprove ou não essa versão –, para pensar bem na sua opção de renunciar ao cargo de prefeito e se candidatar, naquela quadra histórica e difícil, em pleno regime autoritário. Ele se candidatou ao Senado Federal pelo MDB. Venceu e fez parte daquela que talvez tenha sido a mais brilhante geração que já passou pelo Senado da República. A partir daí, participou de forma marcante das lutas pela redemocratização e pela defesa do interesse nacional. Sempre convicto de que “tudo é possível até que se prove impossível. E ainda assim o impossível pode sê-lo apenas por um momento”.

Em 1982, acompanhei de perto sua reeleição ao Senado, já que, aos 22 anos, era candidato a Vereador. Essas eleições foram decisivas para a transição democrática. O voto era vinculado. Foi minha estréia eleitoral, antes mesmo de me formar em economia. Fizemos barba, cabelo e bigode com Tancredo e Itamar.

Em 1986, coordenei a dissidência do PMDB em Juiz de Fora a favor da candidatura de Itamar ao Governo de Minas. Pimenta da Veiga liderava essa corrente no plano estadual. Essa foi a semente da criação, em 1988, do PSDB.

Veio a crise de 1992. Itamar assume a Presidência em condições extremamente graves e instáveis. O PSDB é o primeiro a se oferecer para colaborar. Itamar, com serenidade e firmeza, consolida um governo de união nacional. Nem todos entenderam a gravidade daquele momento – a Ministra Erundina pode dizer bem sobre isso. Itamar deixou uma herança definitiva. Garantiu liberdade, pois, assim como Tiradentes e Cecília, amava a “Liberdade – essa palavra, que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda”. Assegurou a estabilidade econômica através do Plano Real. Iniciou o ataque frontal à miséria por acreditar com Gandhi que “deveríamos ter vergonha de repousar e tomar refeições abundantes até o dia em que exista um só homem, uma só mulher, sem trabalho e sem comida”. Gozando de enorme prestígio popular, escolhe e elege Fernando Henrique Cardoso Presidente da República.

De 1998 a 2002, realiza o sonho de governar sua Minas tão querida. Sempre passeou em sua alma o sentimento universal, mas profundamente enraizado no solo mineiro, cantado pelo Clube da Esquina: “Eu sou da América do Sul (...) sou do ouro, eu sou vocês, sou do mundo, sou Minas Gerais”. E, em gesto generoso, abre mão da reeleição para apoiar Aécio Neves, seu amigo e companheiro de sonhos. Em 2010, teve papel decisivo na grande vitória de Anastasia, elegendo-se, pela terceira vez, Senador da República, ao lado de Aécio. Nos quatro meses de exercício do seu novo mandato, destacou-se, de forma absoluta, pela exemplar e consistente ação oposicionista.

Itamar Franco deixará um enorme vazio. Certa vez, João Cabral de Melo Neto iluminou caminhos ao dizer:

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

Que a memória de Itamar Franco seja essa teia e a busca permanente de um novo amanhecer em seu amado Brasil. Que sua lembrança fortaleça a convocação de outro ilustre mineiro, Tancredo Neves:

Não vamos nos dispersar. Continuemos reunidos, como nas praças públicas com a mesma emoção, a mesma dignidade e a mesma decisão. Se todos quisermos, dizia-nos, há

quase duzentos anos, Tiradentes, aquele herói enlouquecido de esperança, poderemos fazer deste país uma grande nação.

Que seu exemplo de vida, Itamar, impregnado de dedicação à ética, à Pátria e ao povo brasileiro, invada, inunde e conquiste corações e mentes das novas gerações de brasileiros.

Itamar, aqui ficam registradas, no Congresso Nacional, arena das lutas que motivaram sua travessia, palco de tantas batalhas, a nossa admiração e eterna gratidão.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Aécio Neves. Bloco/PSDB – MG) – Dou a palavra ao ilustre Senador Francisco Dornelles.

O SR. FRANCISCO DORNELLES (Bloco/PP – RJ. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Aécio Neves, meu queridíssimo amigo Augusto Franco, meu caro Hargreaves, Sr^{as} e Srs. Senadores, no dia 2 de julho, o Brasil ficou menor. A morte de Itamar Franco veio privar-nos de um convívio com um político que fez da vida pública autêntico hino de louvor à integridade, à coerência e a princípios éticos inegociáveis.

Foi a partir de Juiz de Fora que Itamar construiu a vitoriosa carreira política. Ainda bem jovem, em fins dos anos 1950, iniciava uma militância política que, galgando degrau por degrau, finalmente o levaria à Presidência da República. Desde as primeiras disputas eleitorais em sua cidade, ele firmaria vínculo duradouro com as causas populares. Não por outra razão, filiou-se ao partido que representava o trabalhismo de Vargas, em uma Juiz de Fora de forte presença de trabalhadores organizados em associações, clubes e sindicatos.

Veio a ruptura institucional de 1964, e Itamar Franco abrigou-se no Partido de oposição ao regime militar – o MDB –, venceu as eleições municipais de 1966, e, de 1967 a 1970, Juiz de Fora conheceu a capacidade administrativa do engenheiro Itamar Franco.

Prefeito brilhante que elegeu sucessor e que retornou uma vez mais à Chefia do Executivo municipal pela vontade do povo, Itamar Franco transformou Juiz de Fora em autêntico polo regional de desenvolvimento.

Itamar Franco aceitou o desafio de enfrentar e candidatar-se ao Senado nas eleições de 1974. Nos dois pleitos anteriores, 1970 e 1972, a vitória da governista Arena havia sido tão avassaladora que setores oposicionistas pensaram na autodissolução do PMDB. Ainda assim, ele assumiu o risco. Com o lema “Itamar é Minas no Senado”, ele empolgou e venceu a disputa.

No Senado, Itamar pautou-se na defesa de teses nacionalistas e pela volta do Estado de Direito. Sua voz jamais se calou na condenação ao autoritarismo. Por isso, os mineiros renovaram-lhe o mandato senatorial. Aceitou candidatar-se à Vice-Presidência da República em 89, nas primeiras eleições diretas desde 60. Eleito, chefiou o governo em face do afastamento do titular.

Em pouco mais de dois anos, Itamar foi capaz de conduzir o País sem maiores sobressaltos, quando tudo apontava para uma crise política de extrema gravidade.

Coube a Itamar Franco, por exemplo, a corajosa decisão de implantar o Plano Real.

Depois de ter concretizado o antigo sonho de governar sua Minas Gerais, Itamar volta ao Senado, trazido pelos braços da gente mineira. Nos poucos meses em que aqui esteve, neste seu terceiro mandato, não foram poucas as vezes em que deu demonstração de sua vivacidade de espírito, da seriedade com que desempenhava sua missão, do respeito às normas que regem o funcionamento do Senado e, acima de tudo, da intransigente defesa do Poder Legislativo.

Itamar Franco foi um ardoroso defensor desta Casa, do Poder Legislativo, cioso de seu espaço e defensor das suas prerrogativas. Para ele, um Legislativo altaneiro, dignificado em sua atuação e trabalhando em sintonia com a sociedade, era a garantia da plenitude democrática.

Prefeito, Governador, Senador e Presidente da República, em todos os cargos que exerceu, Itamar foi capaz de combater o bom combate na linha da sabedoria bíblica. Simples por natureza, jamais permitiu que a importância do cargo alterasse sua personalidade. Ético por princípio soube como poucos separar a vida pessoal da coisa pública. Nacionalista, podia falar em Pátria sem que a palavra soasse artificial.

Que Itamar Franco descanse em paz! O Brasil lhe é grato. Nesta Casa, somos todos testemunhas da sua atuação séria, honesta e produtiva. Que sejamos dignos de seu legado!

Muito obrigado. *(Palmas.)*

Pediria, Sr. Presidente, que fosse transcrito na íntegra o meu pronunciamento.

SEGUE, NA ÍNTEGRA, PRONUNCIAMENTO DO SENADOR FRANCISCO DORNELLES

O SR. FRANCISCO DORNELLES (Bloco/PP – RJ. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as} Senadoras e Srs. Senadores, no dia 2 de julho o Brasil ficou menor. A morte de Itamar Franco veio privar-nos do convívio com um político que fez da vida pública autêntico hino de louvor à integridade, à

coerência e a princípios éticos inegociáveis. Isso tudo em meio à reconhecida humildade, procedimento que fez dele o exemplo mais que perfeito de alguém que jamais se enxergou maior que os cargos que ocupou.

Foi a partir de sua Juiz de Fora que Itamar construiu a vitoriosa carreira política. Ainda bem jovem, em fins dos anos 1950, iniciava uma militância que, galgando degrau por degrau, finalmente o levaria à Presidência da República. Desde as primeiras disputas eleitorais em sua cidade, ele firmaria vínculo duradouro com as causas populares. Não por outra razão, filiou-se ao partido que representava o trabalhismo de Vargas, numa Juiz de Fora de forte presença de trabalhadores organizados em associações, clubes e sindicatos.

Veio à ruptura institucional de 1964, e Itamar Franco abrigou-se no Partido da oposição ao regime militar – o MDB – e venceu as eleições municipais de 1966. De 1967 a 1970, Juiz de Fora conheceu a capacidade administrativa do engenheiro Itamar Franco.

Prefeito brilhante, que elegeu o sucessor e que retornou uma vez mais à Chefia do Executivo municipal pela vontade do povo, Itamar transformou Juiz de Fora em autêntico pólo regional. Multiplicavam-se as obras, responsáveis pela radical mudança da fisionomia urbana. Ao mesmo tempo, saneamento básico, saúde, cultura e educação recebiam a atenção que jamais tiveram. Na área educacional, por exemplo, o trabalho executado no Governo Itamar Franco mereceu o reconhecimento da UNESCO.

Itamar Franco aceitou o desafio de enfrentar o imponderável ao candidatar-se ao Senado nas eleições de 1974. Nos dois pleitos anteriores, em 1970 e 1972, a vitória da governista ARENA havia sido tão avassaladora que setores oposicionistas chegaram a cogitar na autodissolução do Partido. Ainda assim ele assumiu o risco. Com o lema “Itamar é Minas no Senado”, ele empolgou o Estado e venceu a disputa. Ao iniciar seu primeiro mandato nesta Casa, Itamar começava a adquirir dimensão nacional, a ser mais conhecido e admirado por um crescente número de brasileiros.

No Senado Itamar pautou-se pela defesa de teses nacionalistas e pela volta do Estado de Direito. Sua voz jamais se calou na condenação ao autoritarismo. Por tudo isso, os mineiros renovaram-lhe o mandato senatorial. Em gesto que surpreendeu a muitos, aceitou candidatar-se à Vice-Presidência da República, nas eleições de 1989, as primeiras eleições presidenciais diretas desde 1960. Eleito, chegou à Chefia do Governo em face do afastamento do titular.

Em pouco mais de dois anos, Senhor Presidente, Itamar Franco foi capaz de conduzir o País sem maiores sobressaltos, quando tudo apontava para uma crise po-

lítica de extrema magnitude. Como Presidente, jamais compactuou com desvios éticos. A aguda preocupação social e o elevado senso político-administrativo levaram seu Governo a obter grandes vitórias.

Coube a Itamar Franco, por exemplo, a corajosa decisão de implantar o Plano Real. Além de ter tido a competência de formar uma brilhante equipe, deu a ela o necessário respaldo para que fosse elaborado e executado o plano que efetivamente estabilizou a economia brasileira.

Depois de ter concretizado o antigo sonho de governar suas Minas Gerais, Itamar volta ao Senado da República, trazido pelos braços da gente mineira, reconhecida e agradecida. Nos poucos meses em que aqui esteve, neste seu terceiro mandato senatorial, não foram poucas às vezes em que deu mostras da vivacidade de espírito, da seriedade com que desempenhava sua missão, do respeito às normas que regem o funcionamento da instituição e, acima de tudo, da intransigente defesa do Poder Legislativo.

Creio, Senhor Presidente, que, se quisermos verdadeiramente reverenciar a memória de Itamar Franco, o melhor caminho a percorrer seria o que ele, certamente, trilharia: o da defesa da democracia como valor universal e inegociável. Estou convencido de que Itamar gostaria de nos alertar para o fato de que o regime democrático pode ser atacado por vias outras que não os clássicos golpes de Estado; que mesmo os instrumentos legais podem ser usados indevidamente, de modo a macular a democracia. Daí a necessidade da permanente vigilância, por parte da cidadania, contra as tentações autoritárias que sobrevivem aqui e acolá.

Por isso, Senhor Presidente, Itamar Franco era ardoroso defensor do Poder Legislativo, cioso de seu espaço e defensor de suas prerrogativas. Para ele, um Legislativo altaneiro, dignificado em sua atuação e trabalhando em sintonia com a sociedade era, é e será a garantia da plenitude democrática.

Prefeito, Governador, Senador e Presidente da República: em todos os cargos que exerceu, Itamar foi capaz de “combater o bom combate”, na linha da sabedoria bíblica. Simples por natureza, jamais permitiu que a importância do cargo alterasse sua personalidade. Ético por princípio soube como poucos separar a vida pessoal da coisa pública. Nacionalista, podia falar em “Pátria” sem que a palavra soasse artificial.

Que Itamar descanse em paz! O Brasil lhe é grato. Nesta Casa, somos todos tributários de sua atuação, séria, honesta e produtiva. Que sejamos dignos de seu legado!

Muito obrigado!

O SR. PRESIDENTE (Aécio Neves. Bloco/PSDB – MG) – V. Ex^a será atendido. Agradeço a V. Ex^a e reitero a solicitação para que os Srs. Parlamentares possam, dentro do possível, ser breves na sua homenagem.

Com muito prazer, dou a palavra ao ilustre Deputado Roberto Freire, que foi Líder do Governo Itamar na Câmara dos Deputados, hoje Presidente Nacional do PPS. *(Palmas.)*

O SR. ROBERTO FREIRE (PPS – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador) – Sr. Presidente do Senado Aécio Neves, demais autoridades, familiares, meus senhores, minhas senhoras, Senadores, Deputados, a minha presença aqui se dá por duas importantes questões, pelo menos para mim, do ponto de vista pessoal. Como homem que lutou junto com Itamar Franco em momento difícil da vida brasileira, em períodos da resistência democrática, no processo constituinte, como seu líder e, agora, como Presidente do Partido que ele assumiu, no momento em que definiu – e essas são palavras de Itamar – quando ele descobriu o PPS:

Aquele que mais se aproxima das minhas idéias e daquilo que eu preguei ao longo da minha vida política.

Se fosse ainda um partido comunista, eu não me filiaria, mas vejo o PPS como um partido que busca o socialismo democrático.

Esse foi um grande reconhecimento para nós, para mim em especial que, como Presidente do antigo Partido Comunista Brasileiro, presidi a transição para o Partido Popular Socialista. E, nessa visão, uma visão que Itamar faz questão de afirmar, na visão de que o que nos faltava e nos faltou, inclusive na derrota histórica do chamado socialismo real, foi exatamente a questão democrática – coisa que ele fazia questão de enfatizar.

Interessante isso. Se nós analisarmos todas essas homenagens a Itamar Franco, e aqui tivemos o desfile da sua história política, do seu caráter, das suas conquistas, do que ele significava, da pessoa, o Brasil foi pródigo nessas homenagens a Itamar em colocar essa questão. Mas houve uma que perpassava todas, que era a questão da decência. E não foi por outro motivo, até porque isso não deveria, se desejássemos um mundo melhor, ser apanágio de coisa alguma, mas quase que uma obrigação. Itamar tinha isso como obrigação. E por que essa ênfase na questão da decência? Exatamente, porque vivemos tempos indecentes. Nós temos um governo de Itamar Franco que sai sem que se tenha nenhum grande escândalo, salvo o que é normal em qualquer administração, mas

sai limpo como entrou, bem distinto dos tempos em que estamos vivendo. Daí a ênfase em todas as manifestações a esse seu caráter tão importante, neste momento, como exemplo.

Que sirva, pelo menos, como algo de lembrança de uma obrigação que no Brasil passa a ser algo tremendamente benemérito, que é a decência na atividade pública.

Aqui foi lembrando muitos dos episódios, é um testemunho. O Senador Pedro Simon, que junto comigo liderou o Congresso Nacional, ele no Senado eu na Câmara, lançou aqui um desafio, que não tinha Senador que pudesse dizer que tinha votado, discutindo alguma emenda, alguma troca de cargo ou cargos. Ele fez o desafio para o Senado, eu o faço para a Câmara.

Nós não votamos poucas coisas, não. Nós votamos depois do *impeachment*, um Estado brasileiro que se encontrava à beira da falência – claro, Estado não fali –, com a inflação perto de mil por cento ao ano, nós estávamos vivendo uma crise fiscal das mais sérias da República e tivemos que fazer emendas à Constituição num governo que escolheu – e esse é um dado interessante – um comunista para liderar, com uma bancada de apenas três Deputados.

Alguém imaginou algo muito estranho. Eu digo: “Não, isso daí é consequência de uma postura que Itamar tem, frente a nós do Partido Comunista Brasileiro, desde a época de Prefeito de Juiz de Fora, quando tinha secretários do Partido num momento de profunda repressão e perseguição aos comunistas no Brasil”. Em Juiz de Fora, ele colocou no seu secretariado municipal membros do nosso Partido. Desde aquele momento, ele tinha uma postura de defesa à liberdade, à democracia e um profundo respeito a nós, os comunistas.

Nada mais estranho para ele – podia ser para o País – escolher líder desse partido na Câmara dos Deputados. Não era fácil, tínhamos lá a oposição do PT, tínhamos a oposição daqueles que continuavam fiéis ao governo Fernando Collor, que tinha sido impedido e derrubado constitucionalmente; tínhamos lá, inclusive, a oposição do PDT. Posso dizer que era uma oposição, evidentemente não irresponsável, mas era oposição e não era fácil aprovar propostas de emenda à Constituição, criando impostos, criando vínculos fiscais para corrigir distorções, inclusive para preparar o País no processo da reforma do Estado para o plano de estabilidade, para o Plano Real. Isso não foi algo que surgiu por acaso, surgiu de uma definição clara de um governo que, num determinado momento, aplicou e criou as condições para que vivamos hoje processos de estabilidade. Isso são reconhecimentos que se podem fazer.

Lembro, como é de testemunho, um dado importante. Foi no Governo Itamar que começamos – sem nenhum rubor, porque feito sem vergonha, feito com a hombridade e a decência – processos de privatização no País, de forma efetiva. Lembro que foi com a Companhia Siderúrgica Nacional e a Compesa, numa avaliação que o governo fez, vivendo a sua crise fiscal, vivendo a sua incapacidade de financiar a modernização desse setor e sabendo que deixava de ser estratégico aquilo que foi, na década de 40, fundamental para o processo de desenvolvimento brasileiro. Inclusive ele dizia: “Como um comunista admite privatização?” E eu dizia: “Até porque, há muito tempo, um economista do nosso partido, Ignácio Rangel, já advertia para a crise de o Estado não poder ter capacidade de investir naquilo que era fundamental, no seu processo de modernização”.

E o seu governo aprovou a privatização de Volta Redonda e da Compesa – Compesa, não, da Cosipa, Compesa é uma homenagem que faço a Pernambuco, olhando aqui para Jarbas Vasconcelos. Pois bem. Essa privatização era a ideia exata de fazer – mesmo ele sendo contrário nas suas concepções, mas sabendo da necessidade de fazer – aquilo que, depois, foi fundamental para construir o Estado brasileiro moderno, que ainda precisa fazer reformas que estão impedidas, porque agora vergonha tem, fazendo privatização com medo de assumir, mas tendo de fazer, exatamente porque, de novo, vamos começar a viver processos graves de o Estado brasileiro ser incapaz de atender às necessidades de modernização da nossa infraestrutura, em quaisquer dos setores da nossa economia. Daí a grande dificuldade para enfrentarmos a crise que se avizinha, que uma irresponsabilidade pensava que era marolinha, imaginando que tinha se encerrado uma crise que será muito mais profunda e terá muito maiores repercussões no tempo. E o Brasil precisa estar com seus olhos votados para isso.

Se tivéssemos Itamar, muito provavelmente estaríamos muito mais tranquilos do que estamos hoje, seja do ponto de vista da decência, seja do ponto de vista de um estadista, seja do ponto de vista de um futuro.

Muito obrigado. (*Palmas*.)

O SR. PRESIDENTE (Aécio Neves. Bloco/PSDB – MG) – Dou a palavra, com muita alegria, ao ilustre Senador Jarbas Vasconcelos, contemporâneo, como Governador de Estado, do então Governador Itamar Franco, um dos seus mais próximos companheiros nesta Casa.

Tem a palavra V. Ex^a.

O SR. JARBAS VASCONCELOS (Bloco/PMDB – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do

orador.) – Meu caro Senador Aécio Neves, que preside esta sessão; meu caro Deputado Rodrigo de Castro; Sr. Augusto Franco Júnior, irmão de Itamar Franco, em nome de quem eu quero saudar todos os familiares de Itamar e meu querido amigo Henrique Hargreaves, eu pensei Sr. Presidente, inclusive, por questão de tempo, em não falar, mas eu não ficaria bem com a minha consciência se não deixasse aqui registrado, mais uma vez, o apreço e o respeito que sempre dediquei a Itamar Franco.

Os elogios a Itamar Franco jamais serão suficientes para expressar a importância que ele teve para o Brasil contemporâneo. Sua passagem pela Presidência da República o elevou ao patamar de personagem histórico, pois Itamar assumiu o Palácio do Planalto num contexto de crise política e econômica e entregou o País estabilizado ao seu sucessor.

Marcados pelo sucesso, os 732 dias que Itamar Franco passou à frente do destino de milhões de brasileiros não foram fáceis, como muitos podem imaginar. A inflação chegou a atingir a absurda marca de 2.700% ao ano. Os planos econômicos já não surpreendiam mais ninguém pelos absurdos promovidos.

Numa tentativa de reescrever a história para salvar biografias, surgiram recentemente versões fantasiosas daqueles que querem “faturar” o sucesso do Plano Real.

Itamar não precisou prender boi no pasto, não precisou de tabelamento de preços. Itamar teve a coragem de mudar o Ministro da Fazenda três vezes antes de deslocar para a pasta o então titular das Relações Exteriores, Fernando Henrique Cardoso.

Esses fatos mostram que Itamar Franco não teve vida fácil. Também não devemos esquecer que, logo após assumir a Presidência da República, Itamar tentou construir um governo de união nacional para assegurar o apoio político necessário à construção da estabilidade econômica.

A maioria dos partidos atendeu ao chamado de Itamar. O único que não aceitou foi o Partido dos Trabalhadores. Na época, o PT expulsou a então ex-Prefeita de São Paulo Luiza Erundina por ela ter aceitado integrar o Governo Itamar como Ministra-Chefe da Secretaria da Administração Federal. À época, Lula liderava as pesquisas sobre a intenção de votos para a Presidência da República e preferiu não ajudar.

Isso não sou eu que estou inventando, Presidente Aécio Neves. Está nos jornais da época e nos livros de história. Esse comportamento mesquinho do PT, no entanto, não impediu que Itamar viesse a apoiar a candidatura de Lula anos depois.

Sr. Presidente, Sr^{as} Senadoras e Srs. Senadores, no pronunciamento que fiz da tribuna do Senado, logo

após o desaparecimento de Itamar, afirmei que sem ele não teriam existido os Governos de Fernando Henrique, Lula e agora Dilma Rousseff. Eu acredito piamente nisso, tanto que fiz questão de repetir essa afirmação neste novo discurso em homenagem a Itamar Franco. E gostaria de ir mais longe ainda: a estabilidade econômica brasileira – que tantos hoje defendem – tem apenas um pai e ele é Itamar Augusto Cautiero Franco.

Que outro presidente teria deslocado um Ministro de Relações Exteriores, sociólogo por formação, para assumir uma pasta que já vinha no seu terceiro ocupante em apenas oito meses? Itamar Franco teve essa ousadia, e para quem, como eu, já esteve à frente do Executivo sabe que muitas vezes é preciso ir contra o senso comum para obter sucesso. Itamar fez isso várias vezes durante a sua vida e acertou na maioria delas.

Fica o seu exemplo para todos nós, de coragem, determinação, honestidade e independência. Tive o privilégio de tê-lo como companheiro de Senado. Pena que tenha sido por um período tão curto. Mas sua voz continuará ecoando entre todos que se dedicam à vida pública não por vaidade ou por projeto pessoal, mas por acreditar que a política ainda é o melhor instrumento para mudar o mundo em que vivemos.

Era o que eu tinha a dizer, Senhor Presidente, Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Aécio Neves. Bloco/PSDB – MG) – Agradeço a V. Ex^a.

Dou a palavra, com muito prazer, ao ilustre Deputado, ex-Governador do meu Estado e ex-Senador da República, Eduardo Azeredo.

O SR. EDUARDO AZEREDO (PSDB – MG. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Aécio Neves, que preside esta sessão; prezado Rodrigo de Castro; prezado Augusto Franco, irmão do Itamar; suas filhas Georgiana e Fabiana; prezado Henrique Hargreaves, quero também cumprimentar a Ruth e, em nome dela, todos os amigos de Itamar, admiradores que aqui estão, e o Embaixador Paulo Tarso, que também participa desta justa homenagem.

Conheci Itamar Franco em 1974. Eu era ainda militante do antigo MDB, e, dessa maneira, trabalhamos pela sua eleição a Senador. O MDB era um partido pequeno à época, partido de resistência democrática, e, apenas naquela eleição, fiz campanha por ele. Eu me lembro até do *slogan*: “Aceite o desafio”. Fui também fiscal do MDB na parte de computadores naquela eleição de 1974.

Naquele momento, Itamar teve uma vitória brilhante e começou aqui no Senado a sua carreira parlamentar, que marcou uma luta permanente pela democracia. O tempo foi passando, e, já como prefeito

de Belo Horizonte, lembro-me bem de que busquei, na sua interinidade de uma semana, apenas que pudesse liberar recursos para a retomada das obras do metrô de Belo Horizonte que estavam paralisadas há três, quatro anos. Itamar, como Presidente interino, fez essa liberação, que possibilitou que o metrô avançasse mais três estações em Belo Horizonte.

Assim foi a caminhada que tivemos juntos no antigo MDB. Tive depois a honra de poder participar de seu governo já como Presidente do Serpro, aqui em Brasília. Posteriormente, tivemos divergências, sim, divergências democráticas dentro da tradição da política mineira, mas mantivemos o respeito recíproco, buscando sempre o interesse maior do nosso Estado. Eu me lembro bem de que, em 2002, começamos a nos reaproximar na campanha de Aécio a governador do Estado, em que me elegi Senador. Ali, estávamos juntos buscando a eleição tão importante de Aécio para governador, que realizou a bela administração que tivemos em Minas.

E aí chegou 2010. Em 2010, no início da campanha, Aécio me disse assim: “Eduardo, eu quero, até o fim da campanha, vê-lo abraçado a Itamar – Itamar eleito Senador – em respeito a ele e por tudo que ele fez pelo Brasil”. Eu disse: “Vamos lá, vamos lá”. E isso aconteceu de fato. Ao fim da campanha, nós nos abraçamos e nos reconciliamos por inteiro. E, em 2010 já, eu me lembro dele aqui presente numa sessão de homenagem a Eliseu Resende, que também faleceu tão cedo, ainda no seu mandato. Itamar trouxe a carta que Eliseu lhe entregou – um documento histórico – ao sair do Ministério da Fazenda.

Houve depois um momento que foi o último em que me encontrei com ele, mas que, para mim, marcou sempre a sua grandeza. Em uma solenidade simples na Comissão de Relações Exteriores em que se inauguravam retratos de ex-Presidentes, ele, não sendo membro da Comissão, fez questão de lá estar para me dar um abraço, para, com suas palavras, dizer do respeito e da importância da convivência de contrários na política mineira. Foi, Aécio, o meu reencontro com ele.

De maneira que trago aqui a palavra de quem foi, sim, adversário de Itamar, mas de quem sempre soube reconhecer nele a grande virtude que teve na luta pela democracia, pela estabilidade econômica do Brasil, fundamental. Não se pode nunca esquecer que tudo o que temos de bom hoje teve origem no Plano Real, difícil de implantar.

Desse modo, Dr. Augusto, quero aqui fazer a minha homenagem, a homenagem de quem viu sempre em Itamar um homem que soube lutar pelo seu Estado e pelo seu País. Itamar, sem dúvida alguma, teve

gestos de grandeza, gestos de amor a todo o País e especialmente ao nosso Estado.

Parabéns a todos vocês. *(Palmas)*.

O SR. PRESIDENTE (Aécio Neves. Bloco/PSDB – MG) – Agradeço ao ex-Senador e Governador Eduardo Azeredo pela sinceridade das suas palavras.

Testemunhei também a alegria que teve o Presidente Itamar com esse importante reencontro de homens públicos de Minas, de homens públicos de bem.

Dou a palavra, com muita alegria, a um dos ilustres representantes de Santa Catarina nesta Casa, Senador Paulo Bauer.

O SR. PAULO BAUER (Bloco/PSDB – SC. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente desta sessão, Senador Aécio Neves; Sr. Deputado Federal Rodrigo de Castro; prezado Sr. Augusto Franco, que representa na Mesa a família do nosso saudoso Itamar Franco; prezado ex-Ministro Henrique Hargreaves, quero também cumprimentar todos os Senadores e Senadoras, Deputados e Deputadas, ilustres pessoas e mineiros, principalmente, presentes nesta sessão. Quero saudar os demais familiares do ex-Presidente Itamar Franco, cumprimentando as suas filhas Georgiana e Fabiana, bem como o seu neto, o Stephen.

Eu não fui amigo de Itamar Franco. Não me tornei seu amigo porque não tive oportunidade de conviver com ele. Por isso, a minha manifestação aqui é de um político, de um homem público admirador de Itamar Franco.

Passei a admirá-lo desde quando ele assumiu a Presidência da República e pude saber mais dele por meio de um Ministro que ele convocou para uma importante pasta da República e que muito fez em favor do meu Estado e em favor da área na qual atuou.

Falo de Murilo Hingel, um ilustre mineiro que Itamar Franco trouxe para o seu Ministério e que, sem dúvida, foi o precursor de tudo que estamos vivenciando hoje em termos de avanço e de melhoria na educação do Brasil, tendo em vista que, até a chegada de Itamar Franco à Presidência da República, em um período que se sucedeu ou que compreende o término do período do regime militar e o período da redemocratização, a maioria dos Ministros da área de educação eram políticos. Políticos ilustres, é verdade, mas Itamar Franco chamou alguém da área essencialmente educacional.

Murilo Hingel deu início a um trabalho que mereceu apoio integral do Presidente Itamar Franco. Confesso que eu, como Secretário de Educação de Santa Catarina e Deputado Federal licenciado na época, tinha muito temores pelo que poderia acontecer em um período em que um novo Presidente assumia o coman-

do do País, quando um Ministro, diferente de todos os outros que tínhamos tido em um passado recente, dava novas notícias para a área de educação em um momento em que queríamos, efetivamente, que País avançasse e superasse as suas dificuldades.

Tornei-me admirador de Itamar Franco exatamente naquele momento.

Depois, como Vice-Governador de Santa Catarina, fui a Minas Gerais, quando ele era Governador do Estado. Pude encontrá-lo e ver a sua liderança, ver a sua autoridade, ao mesmo tempo simpática e austera, junto a toda a sua equipe e perante os mineiros.

Sem dúvida, nós de Santa Catarina, da santa e bela Catarina, não poderíamos deixar de trazer hoje, aqui, a nossa palavra e a nossa homenagem a um brasileiro tão ilustre, a um homem público que eu pude encontrar de novo aqui no Senado, no início desta Legislatura.

Lembro-me bem que, já no primeiro dia, quando elegíamos o Presidente Sarney para o cargo de Presidente desta Casa, eu me encontrava exatamente aqui, nesta posição, em frente a esta tribuna, ao lado de Itamar Franco. Ali pude viver um momento de alegria ao ser fotografado ao seu lado. É a única foto que possuo ao lado desse Ilustre brasileiro e vou guardá-la com muito carinho e muito boa lembrança.

Mais ainda, fiquei feliz quando, no meu primeiro pronunciamento, nesta tribuna, como Senador da República, eu disse da minha satisfação e da minha alegria em poder estar nesta Casa e conviver com gente da mais alta qualidade, da maior importância e representatividade, como era o caso de Itamar Franco, fui surpreendido, na mesma data, logo depois da sessão – já que ele não se encontrava presente -, com um pedido dele para que lhe enviasse a cópia do meu discurso, para que ele pudesse guardá-la nos seus arquivos. Isso me deixou muito lisonjeado, porque nós sabíamos que ele, efetivamente, era um homem grande, mas que também prestava atenção às coisas pequenas, às coisas que tinham importância para os outros e, certamente, para ele também.

Fico feliz em ter podido, nesta sessão, trazer a mensagem do povo da minha querida Santa Catarina, homenageando alguém que, sem dúvida nenhuma, faz muita falta para o Brasil, para a vida pública, para a sua família, mas que, com certeza, está no maior parlamento que nós conhecemos, no parlamento da eternidade, ao lado de outros mineiros ilustres, como Francisco Xavier da Silva, como Tancredo Neves, como Juscelino Kubitschek, fazendo com que o Brasil, enfim, com fé, com esperança, com a inspiração em grandes

exemplos como o seu, possa continuar crescendo e trazendo mais benefícios para a sua boa gente.

Muito obrigado e um abraço a todos! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Aécio Neves. Bloco/PSDB – MG) – Agradeço a V. Ex^a, Senador Paulo Bauer.

Estão ainda inscritos, e chamarei em seguida, a ilustre representante do Rio Grande do Sul nesta Casa, Senadora Ana Amélia. Em seguida, Senador Cristovam Buarque, Senador Geovani Borges, Senador Cyro Miranda e Senador Pedro Taques.

Mais uma vez devo alertar que, às 14h, teremos de encerrar a sessão. Espero que todos possam fazer a sua homenagem no tempo mais breve possível.

A SRA. ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do oradora.) – Sr. Presidente desta sessão, Senador Aécio Neves, Deputado Rodrigo de Castro, Sr. Augusto Franco, irmão do nosso grande Itamar, meu amigo Henrique Hargreaves:

Inicialmente, quero cumprimentá-lo, Senador Aécio Neves, bem como aos demais Senadores Clésio Andrade e Zezé Perrella, pela iniciativa da proposição desta homenagem mais do que justa. É um tributo dos colegas Senadores não apenas mineiros, mas Senadores de todos os Estados a este homem que orgulha demasiadamente a política brasileira e também as instituições democráticas.

Imagino, Sr. Augusto Franco, que hoje o senhor sinta sentimentos ambivalentes: de um lado, a perda do querido irmão; de outro, no decorrer de tantos pronunciamentos para enaltecer as virtudes e as qualidades de um irmão tão querido, como foi Itamar Franco, o senhor deve estar sentindo, com toda razão...

Em seu nome, queria cumprimentar as filhas, o genro e também o neto, que, pacientemente, assiste a esta sessão, dando demonstração do carinho que tem pelo avô e pela memória dele.

É com muito pesar e com muita honra, Senador Aécio Neves, que ocupo esta tribuna, neste final de manhã e início de tarde. Pesar por falar da perda de um amigo; honra por ter a oportunidade de homenageá-lo nesta tribuna.

Durante o período em que fui jornalista – e foram algumas décadas -, por muitas vezes tive a oportunidade de conversar e entrevistar Itamar Franco. Conhecê-lo de longa data me permite falar de suas virtudes com propriedade.

O convívio com Itamar gerou em mim respeito e admiração não só por sua carreira política, mas principalmente pela sua postura como ser humano e pela sua conduta ética, que se sobressai agora, neste momento em que nós, aqui, nesta Casa e no País, somos sobressaltados por denúncias graves de corrupção.

A figura de Itamar Franco continua fazendo ainda mais diferença e exaltando mais a sua grandeza como ser humano e como político. A história já está fazendo justiça à memória de Itamar Franco.

Quando assumiu a Presidência da República, em 1992, Itamar Franco tinha diante de si um dos maiores desafios já enfrentados por um político em nosso País: chefiar um País onde as instituições democráticas estavam desacreditadas, a economia fragilizada e a população sem esperanças.

Itamar assumiu esse desafio com a serenidade e a autoridade moral que o Brasil tanto precisava naquele momento. Mesmo tendo sido eleito na mesma chapa do Presidente que estava deixando o cargo, nosso colega que até há pouco estava aqui, Fernando Collor, Itamar conseguiu demonstrar isenção e independência, montando um Governo de coalizão, do qual participaram as principais forças políticas do País. Isso requer uma grande engenharia, mas, sobretudo, uma grande virtude na capacidade de entendimento, de consenso e de negociação.

À época Itamar não tinha partido e essa foi uma sinalização importante para que todo o sistema político brasileiro entendesse a sua missão: a de realizar um mandato de transição. Mas, mais do que isso, ele fez tudo isso e hoje, sem nenhum ressentimento, o tempo ajudou, e a grandeza de sentimento, a sensibilidade e a responsabilidade foram vistas aqui nesta Casa, porque muitas vezes eu, como jornalista, observava os colegas fotógrafos, no início do mandato, tentando captar uma imagem que identificasse alguma animosidade, algum desconforto na relação com o colega aqui na Casa. E em nenhum momento, em nenhum momento, Itamar revelou ressentimento, o que revela a grandeza de um grande homem, mas, sobretudo, de um grande político, que faz da civilidade um ato de relação política que engrandece também esta Casa. Presenciei isso, o que me comoveu muitas vezes, por ver a grandeza que teve Itamar Franco nesse relacionamento humano, que, para mim, supera o próprio relacionamento político.

O então Presidente foi muito além de garantir o fortalecimento das nossas jovens instituições democráticas brasileiras. Aliando conhecimento técnico à sua habilidade política, Itamar montou uma equipe ministerial de caráter técnico. Agora há pouco o Senador Paulo Bauer exaltou nosso Ministro da Educação. Ele venceu a inflação e abriu caminho para um novo Brasil: o Brasil da estabilidade, com o Plano Real.

Hoje nosso País vive um momento ímpar em seus aspectos econômicos. Os brasileiros dispõem de boas condições de emprego e renda, de alta capaci-

dade de consumo; a moeda está valorizada e, mais do que isso, está sobrevalorizada. A hiperinflação ficou em passado recente. Com a estabilidade econômica o País conseguiu reduzir seus índices de pobreza e também de desigualdade social. O Brasil se tornou um País de oportunidades e os brasileiros puderam ascender econômica e socialmente.

Concordo com o que disse há pouco aqui o Senador Jarbas Vasconcelos a respeito desses ganhos, que são ganhos de todos os cidadãos brasileiros.

Itamar Franco foi o Presidente que deu início a este virtuoso ciclo de desenvolvimento.

Sr^{as} e Srs. Senadores, familiares de Itamar Franco, nosso querido colega, o legado de Itamar vai além das suas ações na chefia dos governos ou no exercício da sua atividade parlamentar. Itamar foi um homem de reputação ilibada, que deu diversos exemplos de como deve ser o comportamento de um homem diante do poder. Itamar sempre pautou suas ações pelo bem público e, em nome disso, em nome dele, sempre procurou abdicar dos privilégios que de o cargo dispunha. Discreto, sempre esteve acima das vaidades do poder.

O Senado perde muito. Perdeu muito com a morte de Itamar. Em poucos meses, no exercício de seu terceiro mandato nesta Casa, já vinha se destacando pela lucidez, pela coerência e pela coragem na defesa das suas convicções. Realizava uma oposição com muita responsabilidade e inteligência, sempre voltada para defender os interesses não apenas de Minas, que ele, constitucionalmente, teria a responsabilidade de fazê-lo, mas os interesses nacionais.

Itamar Franco deixa muita saudade no coração dos amigos e um grande vazio na política brasileira.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Aécio Neves. Bloco/PSDB – MG) – Agradeço a V. Ex^a.

Com muito prazer, convido para usar a tribuna o ilustre Senador e ex-Governador Cristovam Buarque.

Mais uma vez, reitero aos ilustres Parlamentares inscritos que possam fazer seus pronunciamentos no espaço de tempo um pouco mais breve, dada a necessidade de encerrarmos dentro de, mais ou menos, vinte minutos esta sessão, dando início à sessão da tarde.

V. Ex^a tem a palavra, Senador Cristovam.

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (Bloco/PDT – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, senhores familiares, Srs. Senadores, Sr^{as} Senadoras, uma saudação especial ao povo especial mineiro, onde fez carreira o Presidente, e uma muito especial ao Mauro e à Vânia, grandes amigos que o acompanharam e que tanto honram este País.

Esqueci-me de cumprimentar todos da Mesa.

Eu creio que uma maneira de fazer uma homenagem ao Itamar é fazer uma pergunta e tentar respondê-la. Por que ele, Senador Taques, ficou na história? Por que outros tantos de nós passamos por aqui e não entramos na história, entramos só na política? Itamar não. Itamar entrou na história. Por quê? Podia resumir em uma palavra, mas, quando se resume em uma palavra, não fica claro: a grandeza. A grandeza dele. A grandeza o colocou na história. Mas por que ele teve grandeza e tantos outros não têm?

Aí eu tenho que usar algumas outras palavras. Eu uso a palavra luta. Ele não foi um político burocrático, ele não foi um político que ficou apenas tentando encher o tempo dele ao longo de sua vida. Ele foi um homem que caracterizou a sua atividade política como parte da militância por aquilo que ele acreditou ao longo da vida.

Segundo, a coerência. Ele, do começo ao fim, fez a sua vida política com as mesmas crenças. Podia até estar de um lado, do outro do ponto de vista partidário, mas não do ponto de vista das suas crenças: a crença do nacionalismo, a crença do povo e o que o povo precisava. Essa coerência é que deu grandeza.

Mas eu quero colocar também o estadismo. São poucos os políticos que não só têm estadismo, mas coincidem a sua vida com a história fazendo com que o seu estadismo apareça. Muitos de nós passa toda a vida e não surge a oportunidade de, pelo estadismo, ficar na história com a grandeza.

Ele foi um estadista.

E o que caracteriza o estadismo? É estar no lugar certo na hora da dificuldade. No Estado não vale aquela expressão, Senador Aécio: no lugar certo na hora certa, não. É no lugar certo na hora difícil. E ele estava lá na hora difícil deste País, do primeiro Presidente saindo do poder, saindo do Governo e, ao mesmo tempo, um País em ebulição, em baixa estima, corroído pela inflação. E ele chega ali e tem um estadismo de recuperar a autoestima do povo brasileiro, de fazermos voltar a acreditar na democracia, porque muitos já não acreditavam dizendo que eleição direta não valia a pena. Ele conseguiu trazer isso.

Eu coloco mais uma palavra: a realização, que poderia estar dentro do estadismo, mas merece um tratamento especial. Ele foi um político que realizou. Aqui se falou no Ministro Hingel, que foi um realizador, mas todos sabem que foi Itamar que teve a ousadia de criar, com competência, a estabilidade monetária neste País. A realização é outra palavra que rima com grandeza.

Coragem cívica é outra palavra também que rima com grandeza. E ele foi um homem com coragem cívica, de estar com a posição igual sempre, mas sem

deixar de tomar medidas, sem deixar de ocupar posições que exigiam uma grande coragem.

Finalmente, salvo uma palavra que dá grandeza, mas que não deveria ser necessária, porque falo depois, digo como última: o sentimento de história. Essa frase aqui mostra que ele tinha sentimento. Ele foi um homem que teve o sentimento de que ele era um pedaço da história deste País e um homem que iria ajudar a fazer um futuro na história deste País. Essas são as palavras que fizeram dele um homem, resumidamente, usando a palavra que a Senadora Ana Amélia usou: grandeza.

Finalmente, uma palavra que eu não deveria colocar, porque ela deveria ser o óbvio para todos, mas, lamentavelmente, no Brasil, é uma exceção: honestidade. Eu não gosto de colocar como qualidade de ninguém ser honesto, porque deveria ser o mesmo que dizer que ele respirava. Nós não podemos, no mundo de hoje, deixar de lembrar para os jovens que estiverem assistindo a isto aqui que nós tivemos, sim, um político honesto na Presidência da República chamado Itamar Franco. Por isso ele está na história, por isso nós estamos homenageando-o e por isso, muitas e muitas vezes, daqui para frente, outras homenagens como esta serão feitas e por isso, daqui para frente, seu nome vai estar nos livros em que as crianças vão estudar a história do Brasil. Por isso ele está vivo. Porque quem teve a grandeza dele não morre.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

Parabéns a todos.

O SR. PRESIDENTE (Aécio Neves. Bloco/PSDB – MG) – Obrigado, ilustre Senador Cristovam Buarque.

Vou chamar o próximo orador inscrito, ilustre Senador Geovani Borges. Mas, antes disso, creio que uma última homenagem para que esta sessão possa ser concluída de uma forma que, tenho certeza, o Presidente Itamar Franco gostaria muito, convido para presidir a parte final, em que falarão ainda os Senadores Cyro Miranda, Pedro Taques e Inácio Arruda, o líder do Governo Itamar Franco nesta Casa, ilustre Ministro, Governador, Senador Pedro Simon. Convido V. Ex^a para assumir a Presidência desta sessão em homenagem ao seu dileto amigo Itamar Franco.

O Sr. Aécio Neves deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Pedro Simon.

O SR. GEOVANI BORGES (Bloco/PMDB – AP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador) – Sr. Presidente Pedro Simon, quero parabenizar o Senador Aécio Neves, signatário deste requerimento.

Antes de começar o meu pronunciamento, quero fazer uma homenagem à Senadora Ana Amélia, que se

emocionou na tribuna e se engasgou no final de seu discurso; ao Senador Cristovam Buarque, que desceu desta tribuna com os olhos marejados. Isso nos sensibiliza. Eu não podia deixar de registrar esses momentos que as câmeras do Senado Federal não captam.

Fabiana e Georgiana, em seus nomes, quero homenagear toda a família do nosso querido Itamar Franco; e o meu querido amigo Hargreaves, que conheci quando era Deputado Federal na Câmara Federal e, através dele, homenagear todos os amigos de Itamar Franco.

Sr. Presidente, Senador Pedro Simon, Sr^{as} e Srs. Senadores, demais autoridades presente, minhas senhoras e meus senhores, estamos hoje, nesta Casa, reverenciando a memória do Presidente Itamar Franco, responsável, em 1994, pela implantação do mais bem-sucedido programa de controle inflacionário do país, o Plano Real, programa econômico responsável pela estabilização da moeda, que permitiu o crescimento e o otimismo que nos acompanham nas últimas duas décadas.

Às vésperas do Plano Real ser deflagrado, em junho de 1994, a inflação batia na casa dos 50% ao mês.

Contando com a contribuição de vários economistas, reunidos pelo então Ministro da Fazenda, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, Itamar determinou que o programa para lançar o Real fosse feito de maneira irrestrita e na máxima extensão necessária ao seu êxito.

O problema é que, do ponto de vista econômico, o tempo era curto para estabilizar a economia e romper com a espiral inflacionária, alimentada por um mecanismo perverso de indexação. E, do ponto de vista político, era uma eternidade, dado que as eleições se aproximavam. Era tudo ou nada. E Itamar apostou tudo. E o Brasil foi quem ganhou.

A implementação do Plano Real – e ele fazia questão de, nesta Casa, quando Senador, dizer que foi ele quem implantou, e é verdade – permitiu que o Brasil domasse a hiperinflação, lançou as bases para todos os avanços econômicos do País até hoje e viabilizou uma das viradas mais importantes da história econômica brasileira.

O Presidente Itamar Franco, até no nome, reclamou, certa feita, de como era difícil agradar a opinião pública. E disse assim: “Quando reajo, dizem que sou temperamental e teimoso. Quando demonstro serenidade, falam que sou omissos. Não sei o que essa gente quer”.

De fato, Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, Itamar não escapou das provocações ácidas de seus opositores nem foi poupado pela língua ferina dos críticos de plantão; mas sobreviveu a tudo e a todos, com ética, espírito incorruptível, serenidade, simplicidade e

determinação – até os seus últimos dias neste Senado Federal, conforme eu e toda esta Casa testemunhamos.

Contundente defensor do nacionalismo, disse Itamar, em entrevista ao veterano jornalista Mauro Santayana:

A minha tese é de que coube aos mineiros despertar esse sentimento nos demais brasileiros, o de que o nacionalismo é a união entre a ideia da dignidade e da defesa da riqueza que coube, pela natureza, à geografia de cada nação. É certo que a dignidade dos povos é mais importante do que seus bens: uma nação pode ser honrada, ainda que pobre. Mas a cobiça internacional se dirige aos recursos naturais. O nacionalismo não deve ser estímulo à conquista, como ocorreu com a Alemanha de Hitler. O nacionalismo é, principalmente, instrumento de defesa e resistência de um povo.

Itamar Franco deixa sua marca pessoal na vida pública brasileira, marca na qual é possível distinguir três componentes principais: dignidade, simplicidade e honestidade. Um político que mudou algumas vezes de partido, mas nunca mudou de rumo.

A trajetória de Itamar Franco deve ser observada na perspectiva histórica pela importância que teve para a estabilização monetária e pelos bons exemplos por ele deixados na vida pública do País.

Ele honrou, com a sua honestidade, empenho e determinação, todos os cargos que exerceu em missões que lhe foram confiadas. A sua vida, com a sua morte ocorrida em 2 de julho último, é lição para a história, exemplo para os jovens e saudade para o povo.

Era o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Pedro Simon. Bloco/PMDB – RS) – Com a palavra o Senador Cyro Miranda.

O SR. CYRO MIRANDA (Bloco/PSDB – GO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente desta sessão, Ex^{mo} Senador Pedro Simon, Sr. Augusto Franco, Sr. ex-Ministro Henrique Hargreaves, familiares, filhas do ex-Presidente Itamar, amigos, Sr^{as} e Srs. Senadores, como cristão, jamais ousaria questionar a determinação de Deus sobre a hora em que cada um de nós deve partir para ir ao Seu encontro. Mas creio que todos nós, neste plenário, sentimos uma extrema frustração diante da repentina ausência de Itamar Franco, uma das figuras mais importantes do cenário brasileiro.

Itamar Franco faz falta, muita falta, porque sua trajetória de vida se confundia com a história da rede-

mocratização brasileira e da modernização do Brasil contemporâneo. Sem Itamar Franco, perdemos um conselheiro. Bastava uma breve conversa com o saudoso Senador para perceber a vibração de um brasileiro que acreditava na construção de um País grandioso, voltado ao desenvolvimento sustentável e à inclusão.

Nosso querido homenageado era dono de senso crítico invejável e sempre manteve um perfil independente. Dizia o que pensava e não tinha medo do confronto das ideias.

Por esses atributos, a passagem de Itamar Franco pela Presidência da República representou um período de grandes realizações. Poucos Presidentes fizeram tanto em tão pouco tempo.

Como bem observa a socióloga Aspásia Camargo, com apenas dois anos de mandato, Itamar, o breve, escapou de ter sido tragado pelos seus sucessores e projetou o Brasil a um novo patamar.

Nas circunstâncias em que se encontrou na Presidência do Brasil, soube reafirmar o ideário do MDB autêntico e nacionalista e se aproximou dos partidos ascendentes de esquerda.

No PSDB, buscou os professores e os quadros, e, no PT, as lideranças sociais. Assim é que entregou o Itamaraty a Fernando Henrique e convidou Luiza Erundina, do PT, para a pasta de Administração.

Foi pela mão de Itamar Franco que Fernando Henrique chegava ao Ministério da Economia e implantava o Plano Real.

Valho-me ainda das palavras da professora Aspásia Camargo para dizer que, com a sua personalidade austera, mas mercurial, Itamar Franco mineiramente cicatrizou as feridas e restaurou a dignidade do Estado e de órgãos ameaçados, como o Ipea, então à beira do colapso.

Devolveu também a confiança nas instituições corroídas pela inflação e pela corrupção.

Não temos dúvida de que Itamar Franco foi um dos artífices da modernidade do Brasil e merece nossa admiração como figura proeminente da história brasileira.

Quero aqui, em meu nome e em nome do Governador do meu Estado, Marconi Perillo, e de todos os goianos, render, portanto, nossa homenagem a um grande brasileiro, um homem voltado às aspirações de nosso povo e de nossa gente.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Pedro Simon. Bloco/PMDB – RS) – Com a palavra, o Senador Pedro Taques.

O SR. PEDRO TAQUES (Bloco/PDT – MT. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, senhores membros da Mesa, familiares do brasileiro Itamar Franco, Sr^{as} e Srs. Senadores, Niet-

zsche, em uma de suas obras, falando da despedida, faz uma metáfora com uma concha que se encontra na praia. E as ondas levam essa concha.

Existe um misto de alegria e tristeza: tristeza, em razão da despedida, da partida; e alegria, em razão de o destino estar sendo cumprido.

Eu, como cidadão brasileiro, conheci o Senador Itamar Franco como Presidente da República, como ilustre mineiro. Como cidadão brasileiro, acompanhei a trajetória dele naquele momento histórico difícil em que muitos, como vice-presidente, praticariam a conspiração. E o Vice-Presidente de então cumpriu a Constituição, aguardou aquele momento. Quando muitos conspirariam, ele quis cumprir a Constituição.

Como Senador da República, tomei posse aqui e, no dia da posse, fui, como aquele que exerce um primeiro mandato político, cumprimentar o ex-Presidente da República. E ali disse a ele: “Presidente, vim me apresentar ao senhor e dizer que sou um soldado para que possamos lutar por um Brasil melhor”. O Senador Itamar me disse, na sua simplicidade: “Não me chame de presidente. Me chame de Itamar, porque aqui nós somos iguais”. Muito bem. A partir desse dia, eu passei a tratá-lo como Itamar e, para honra minha, com ele fiz parte da Comissão Especial da Reforma Política.

Eu sou um estudante das ciências jurídicas há mais de 20 anos e, com ele, na Comissão Especial da Reforma Política, eu notava que ele estudava todos os temas. Ele levava preparada a sua fala e definia os temas em detalhes. Eu fiquei impressionado com isso e comecei a sentar ao seu lado, para que eu pudesse, na minha inexperiência parlamentar, aprender e a sentir um pouco do Senador Itamar. Conversamos um pouco a respeito do combate à corrupção, que penso tenha sido a principal marca do brasileiro Itamar.

Em razão disso, um belo dia, ele me chamou ali, na parte final do plenário, naquele umbral do plenário ali. Ele me chamou naquele canto e me deu este livro, *O Livro Negro da Corrupção*. Este livro demonstra que o Presidente Itamar, naquele momento histórico pós-impedimento do ex-Presidente Collor, hoje Senador Collor, encontrava-se preocupado com a corrupção. Este livro mostra o decreto que ele assinou, constituindo uma comissão especial para analisar os temas da corrupção e propor medidas contra a corrupção.

Aqui temos o decreto do Presidente Itamar. Os temas são atuais, só mudam os nomes. Mas são os mesmos temas, as preocupações daquele momento histórico, são as mesmas preocupações de agora. Eu pedi a ele, ali: Itamar, você poderia autografar este livro para mim? Ele disse: “Não, eu não escrevi esse livro”. Isso mostra a sua honestidade intelectual. Se fosse outro, poderia ter

assinado esse livro. Eu compreendi, naquele momento, mais ainda, a importância desse brasileiro. Com a sua morte, com a tristeza de sua ida, nós aqui, no Senado, e eu como Senador de primeiro mandato, eu como brasileiro e cidadão a exercer um cargo eletivo pela primeira vez, quero expressar à família do Itamar a honra de ter aqui no Senado compartilhado, quase seis meses, de sua simplicidade e de sua honradez. Eu não poderia deixar de trazer as homenagens do povo do Estado de Mato Grosso a esse grande brasileiro. Presidente, Prefeito, Governador, não interessa, ele foi um grande brasileiro, grande brasileiro, e para mim, como um cidadão que nunca disputou um cargo eletivo, estar ao lado de Itamar Franco é um motivo de honra. Nós só temos a pensar que ele está num lugar melhor do que este, mas isso não basta, Senador Pedro Simon, não basta. Nós não podemos esquecer Itamar, não podemos esquecer as suas lutas, não podemos esquecer a sua honradez, não podemos esquecer a sua simplicidade e, sobretudo, não podemos esquecer a sua decência. Decência, a decência revelada ali, em pé, nos apartes e nas questões de ordem. Eu ficava observando e pensando: o que leva um cidadão com essa idade, que já exerceu todos os cargos que um político poderia exercer, a defender com tanto empenho, com tanta disciplina, o seu ponto de vista? O que leva a isso? E eu busquei aprender um pouco com ele. O que leva a isso? A pergunta deve ser respondida por todos nós para que nós não possamos esquecer o brasileiro Itamar. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Pedro Simon. Bloco/PMDB – RS) – Com a palavra S. Ex^a o Senador Inácio Arruda.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente; senhores convidados, familiares; amigos; colaboradores do Presidente, do Senador, do Governador, do Prefeito; e, especialmente família do Presidente Itamar Franco, eu sou do PC do B, Partido Comunista do Brasil.

Nós tivemos, não do ponto de vista pessoal, mas do ponto de vista partidário, a oportunidade de conviver com o Senador, com o Presidente e o novamente Senador Itamar Franco. Quando presidiu o País, não tínhamos representação no Senado, estávamos na Câmara dos Deputados, mas considero que algumas questões são marcas muito importantes importante que nos permitem fazer essa referência histórica a uma figura da luta do povo brasileiro.

Primeiro, o Itamar foi para o MDB quando era mais fácil ir para a Arena. Ele estava na resistência política, democrática. Essa é uma marca que leva para sempre, a de um homem que resistiu a um regime ditatorial,

que buscava subordinar os interesses do nosso País a interesses alienígenas.

Tem muito significado para nós, tendo em vista a história, a sua insubordinação. Não aceitar que o Parlamento brasileiro fosse coonestado e levado a defender interesses que não eram os seus, não eram os da História, da construção da História do Brasil.

Depois houve um segundo aspecto que surgiu praticamente na trajetória presidencial – tivemos antes a luta constitucional – e também ali foi muito importante também o seu posicionamento. Na Presidência é algo assim muito interessante o modo como você trata de uma questão que deve ser também o cotidiano do gestor público e da pessoa.

O Itamar tratou o problema do tema da corrupção com simplicidade. O Itamar nunca quis ser uma mariposa que o holofote abria e ele corria para aparecer mais capaz de enfrentar a corrupção que os outros. Não! Foi com simplicidade que reagiu quando o acusaram e quando ele buscou tratar do tema porque ele foi o alvo da acusação,

Ele foi o alvo da acusação, partindo daqui, do Senado da República.

Ele enfrentou a acusação com simplicidade e depois buscou agir no sentido de criar mecanismos capazes de inibir ao máximo essa chaga presente no mundo desde que o mundo é mundo, até hoje e em todos regimes, digamos assim.

Então, ele teve a capacidade de enfrentar tudo com simplicidade.

Por que se utilizam muito da facilidade, do escândalo e da injustiça para transformar uma pessoa honrada no compromisso do seu papel de servidor público. Lembremos do caso, Hargreaves, que o Itamar chegou para você e você deve ter chegado para ele e dito: eu saio. Saia e vai voltar, porque você vai ser examinado e vai prevalecer o meu critério, você é uma pessoa honrada e vai voltar para cá.

Assim o fez. Não ficou na onda do holofote, do espetáculo, que vende jornal e que dá ibope, que cria cena, que teatraliza o escândalo. Agiu de forma simples, correta e justa. Teve o nosso apoio, foi bom e foi correto. Como tratar um tema árido de forma simples sem querer colocar isso como a questão central do Brasil. Para dar ibope todo dia, para fazer cena todo dia, vira a questão central do país. Isso não. A questão central do país é outra.

Primeiro, vamos defender os interesses do Brasil, da nossa economia, vamos ajustar a nossa economia. Essa é a questão. Esse é o ponto que temos de pegar com a mão. Nós temos de mobilizar o país em torno da defesa dos interesses econômicos e sociais. Como

e elevar a qualidade de vida do povo? Como melhorar a vida do povo?

Acho que aqui ele deu outra marca, foi muito importante.

Travou um caminho que já vinha prevalecendo no consenso de Washington, de que a história havia acabado, a nossa história. A história acabaria para ter uma só história: a história do Fukuyama.. Então, ele travou isso aí. Disse: “Não, vamos suspender esse negócio aqui. Acaba com essa onda de neoliberalismo a toda linha. Sustenta”.

Por que neoliberalismo a toda linha significava destruir as bases capazes de fazer com que a nossa economia pudesse se desenvolver. Então, botou o dedo na ferida: suspendeu esse negócio. Acabou esse negócio de querer privatizar tudo, querer acabar com tudo em nosso país.

Foi muito ajustado e muito correto o seu posicionamento.

Depois Itamar foi para o Governo de Minas. Foi uma luta, porque tinha crise – é evidente – que vinha lá atrás, desde a quebraadeira de 1982. Vinha tudo rolando de lá para cá. O Itamar... A pressão era muito grande, em um Estado como Minas Gerais, endividado, em grandes dificuldades. Como ia fazer?

A pressão maior era a seguinte: “Olha, vocês têm aí uns ativos muito importantes, muito importantes. E a lei, que não é corrupta, porque está na lei, diz que você pode entregá-los. Entrega, é tudo legal. É um assalto descarado, mas é legal. Ninguém vai ser preso. A Polícia Federal não vai agir, o Ministério Público não vai, o juiz não vai, a televisão não vai, e você vende. E eles vão fazer uma festa para você, uma festa extraordinária. Vai ter vinho, vai ter champanhe, vai ter tudo, e ainda vão colocar você na televisão, todos os dias, para dizer: “Olha que maravilha! Que Governador maravilhoso!”

E o Governador fez o contrário. Ele disse: “Não, vou chamar a força pública e vou dizer aqui ninguém mexe.” E assim fez. Ele chamou a força pública e disse aqui ninguém mexe, ninguém toca nesse patrimônio do povo mineiro e brasileiro. Foi muito significativo, fortaleceu o segmento da sociedade brasileira que se contrapunha à ideia do consenso de Washington, destruidor da economia e das bases capazes de fazer a economia nacional se levantar.

Por isso, quero dizer nossas honras ao nosso Presidente Itamar Franco, ao brasileiro; simplesmente ao brasileiro Itamar Franco. Acho que foi assim que ele se comportou. Acho que foi muito ajustado o caminho que ele percorreu até os últimos dias no plenário do Senado Federal.

Obrigado, Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Pedro Simon. Bloco/PMDB – RS) – Com a palavra o Senador Mário Couto. Depois, como último inscrito, o Senador Luiz Henrique.

O SR. MÁRIO COUTO (Bloco/PSDB – PA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, familiares do nosso inesquecível Itamar, confesso que nunca subi à tribuna em uma sessão solene desta natureza. Nunca me achei com coragem de subir à tribuna para falar de alguém querido que se foi. Pedi a Deus que me desse essa coragem no dia de hoje. Sempre evitei. Quantas vezes fui chamado a falar e sempre dei uma desculpa. Nunca falei em uma sessão solene desta natureza. Recebi de Deus, então, a coragem de estar aqui hoje falando do meu querido Itamar.

Conheci-o há pouco tempo, é verdade. Tornei-me seu amigo e conheci seu caráter. Falar de Itamar, Pedro, do Presidente, do político, todos já falaram.

Cheguei a questionar Deus. Cheguei a passar horas conversando com Deus, questionando por que levou Itamar agora. Precisávamos muito dele, meu querido Deus! A Pátria precisava muito de Itamar! O Senado precisava muito de Itamar! Por sua aparência, eu jamais poderia pensar que o querido Deus iria levá-lo agora. Falava forte. Uma vez Itamar me questionou, ao sentar, ao me abraçar. Fazíamos juntos oposição nesta Casa. Disse que queria ter um coração igual ao meu, forte como o meu. Isso foi há pouco tempo. Eu disse a ele: “Teu coração é mais forte do que o meu, Itamar. Ele ainda vai bater por muito tempo”. Eu jamais imaginaria que aquele querido homem, brasileiro autêntico, poderia nos deixar tão rapidamente.

Procurei, depois, saber o que ele tinha, o que foi. Às vezes não adianta, Deus quis e ninguém questiona. Mas no momento em que a Pátria – eu me questionei – precisava tanto dele! O que ele fez por esta Pátria, o que ele fez pelos brasileiros, o que ele fez pela Nação...!

Cristovam, aquele homem que se sentava ao meu lado, tão feliz por estar aqui entre nós, quando, aqui, nesta tribuna, este Senador questionava determinados Senadores que se curvavam ao pé do poder, que trocavam seu caráter por cargos públicos, o carinho que aquele homem me dava era um carinho autêntico. Eu sentia suas mãos trêmulas nas minhas costas me apertando.

A Pátria cheia de corrupção, a Pátria entregue aos corruptos, a Pátria sendo desmoralizada e Itamar se foi. Itamar nos deixou neste exato momento em que a Pátria e o Congresso Nacional precisavam muito dele.

Meu Pai querido, tenho certeza de que Tu recebeste no Teu Reino esse brasileiro, um brasileiro

tão digno, de caráter forte, íntegro, que combatia os corruptos, que não permitia deslealdade, que amava a sua Pátria, que não tinha medo, que tinha coragem de peitar aqueles irresponsáveis que poderiam contaminar a Nação.

Esse homem, Pai, deve estar no Teu Reino em paz. Tenho certeza disso. Por isso, suas filhas, seu genro, seus parentes devem ter tranquilidade, porque, aqui nesta Terra, aqui nesta Pátria, aqui nesta Nação, Itamar Franco, o grande Itamar, o grande brasileiro, cumpriu a sua missão e carregou sua cruz com muita bravura.

De ti, amigo, eu jamais me esquecerei.

Muito obrigado, Presidente. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Pedro Simon. Bloco/PMDB – RS) – Senador Luiz Henrique.

O SR. LUIZ HENRIQUE (Bloco/PMDB – SC. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Pedro Simon, ao fazer o seu discurso na manhã de hoje, V. Ex^a fez uma peça inexcusável, que dispensava que qualquer outro de nós ocupasse esta tribuna. Eu o saúdo como autor de uma oração inexcusável.

O SR. PRESIDENTE (Pedro Simon. Bloco/PMDB – RS) – Obrigado.

O SR. LUIZ HENRIQUE (Bloco/PMDB – SC) – Sr^{as} e Srs. Senadores, Sr. Augusto Franco, irmão do saudoso Itamar, queridas Fabiana e Georgiana, meu caro Hargreaves, o verdadeiro sancho pança do quixote Itamar Franco, o Presidente da Câmara dos Deputados e da Constituinte, o também inexcusável Ulysses Guimarães, narrou para mim um episódio, numa daquelas noites, Pedro, em que ficávamos divagando sobre a memória deste País.

Ele residia próximo do Palácio e, quando soube do suicídio de Getúlio Vargas, ele ocorreu logo para lá, sendo um dos primeiros a chegar ao leito de morte do grande Presidente Getúlio Vargas.

Ele narrou a cena: um quarto modesto, um crucifixo, uma cuia de chimarrão e poucos pertences pessoais. Ao narrar isso, Ulysses olhou para mim e disse: “Getúlio era um anacoreta”. Itamar era um anacoreta. Infelizmente, pessoas como Itamar Franco vão se tornando dinossauros, espécies em extinção na política brasileira.

Itamar era um homem que levava à frente, com total rigor, um lema que é fundamental para todos nós: todo homem pode possuir, só não pode ser possuído pelas coisas que possui. Itamar nunca foi possuído pelas poucas coisas que possuiu. Itamar era intransigente quando empenhava a palavra e muito mais quando assinava um documento.

Eu quero me referir a um episódio importante da nossa história recente: o episódio da eleição indireta que levou, via Colégio Eleitoral, o inesquecível e também inexcusável Tancredo Neves à Presidência da República, acompanhado de seu Vice-Presidente, hoje Presidente desta Casa, José Sarney.

O programa do MDB, o estatuto do MDB abominava o colégio eleitoral. Estabelecia como regra clara, objetiva e incontestável que o Partido e nenhum de seus Parlamentares, fossem Senadores ou Deputados, jamais participariam da farsa do colégio eleitoral, que produzia uma eleição muito mais “eficaz” do que a urna eletrônica, porque esta, que aliás, é um avanço científico e tecnológico, construído pela inteligência científica dos homens do meu Estado, propicia sabermos o resultado no máximo em duas horas após o pleito, seja ele municipal, estadual ou federal. A eleição do colégio eleitoral já nos propiciava saber o resultado um, dois, três meses antes do pleito.

Pois bem. Nós nos negávamos a ir ao colégio eleitoral e constituímos um grupo na minha casa, ao qual aderiram Deputados que se notabilizaram pela sua ação política na Câmara dos Deputados e que depois ascenderam a cargos maiores da República, como Odacir Klein, Ministro dos Transportes; como Tarcísio Delgado, que chegou à Secretaria-Geral do nosso Partido; como Pimenta da Veiga, que ascendeu ao Ministério das Comunicações; como Flávio Bierrenbach, que chegou ao Superior Tribunal Militar. Era um grupo de remanescentes do famoso grupo autêntico.

Redigimos um documento, demos a ele o nome de Só Diretas e saímos a arregimentar forças, assinaturas de Deputados que se comprometiam a não participar do colégio eleitoral. Evidentemente que éramos um grupo de jovens Parlamentares sem experiência, mas Itamar, Senador, foi um dos primeiros que aderiu ao movimento.

A eleição de Tancredo ganhou as ruas, ganhou a alma do povo. A candidatura de Tancredo transformou-se em uma avalanche de opinião pública, e nós entendemos que havia um fato novo, e o fato novo era que a candidatura Tancredo Neves não se constituía numa nova anticandidatura, como a de Ulysses, mas numa candidatura que iria vencer não apenas pela maioria parlamentar no colégio eleitoral, mas pela força iminente que vinha das ruas.

Fizemos várias reuniões de avaliação e chegamos à conclusão de que deveríamos romper aquele pacto, deveríamos acompanhar o Partido no colégio eleitoral. Fomos, e eu me lembro bem desse dia, ao Gabinete do Senador Itamar Franco, e ele nos disse: “Vou ser mal interpretado. Muita gente maledicente vai dizer

que eu não irei ao colégio eleitoral porque quero ter uma liderança maior que a do Tancredo, que quero me contrapor ao Tancredo. Eu sei que vou sofrer um desgaste eleitoral imenso lá em Minas, mas eu não vou!”

“Mas, Senador, o senhor não está convencido de que a candidatura do Tancredo, embora indireta, se transformou em uma verdadeira eleição direta pela comoção popular que ela provocou?” Ele disse: “Sei, estou consciente disso, mas eu assinei o papel e dei a minha palavra”.

E com todo o desgaste de sua decisão – o Hargreaves acompanhou isso –, ele não foi ao colégio eleitoral por uma só coisa: coerência. Quando eu falei a ele: “Presidente, nós todos não queremos ir ao colégio eleitoral. Mas agora virou uma questão de *realpolitik*, é um fato novo que se impôs, essa popularidade fantástica, essa ansiedade fantástica da população de ver Tancredo Neves na Presidência da República, mesmo por via indireta”. Ele disse: “Não, eu reconheço, mas assinei e vou manter a minha assinatura”. Pegou o documento e disse: “Vou guardar no cofre para cobrar de vocês um dia”. E guardou no cofre.

Assim era o Itamar, o Itamar coerente, impertinente na sua coerência; era o Itamar que teve uma vida plena de luta, uma vida plena de defesa das suas convicções, uma vida plena de dedicação, como sacerdote, à vida pública.

Vale para Itamar aquela lição de Brecht, com a qual encerro o meu discurso – e tenho a honra de encerrar o ciclo oratório desta solenidade. O que disse Brecht...

O SR. PRESIDENTE (Pedro Simon. Bloco/PMDB – RS) – Senador, antes do senhor encerrar, a Senadora está lhe fazendo um apelo, primeiro perguntou a mim – ela que é da Mesa sabe que não é regimental, mas quer, mas se V. Ex^a concordar...

O SR. LUIZ HENRIQUE (Bloco/PMDB – SC) – Com grande alegria, minha conterrânea, Senadora pelo Amazonas, mas que Santa Catarina tem orgulho de tê-la como uma conterrânea. Eu concedo a palavra à Senadora Grazziotin.

A Sr^a Vanessa Grazziotin (Bloco/PCdoB – AM) – Eu agradeço a V. Ex^a por essa concessão. Não poderia, mesmo que em poucas palavras, deixar de me manifestar neste momento. Eu quero cumprimentar todos os familiares, os amigos, as pessoas que conviveram toda uma vida com Itamar e, se a família me permitir, eu quero dar um abraço forte, fraterno em Hargreaves, que aqui está. E o faço, Dr. Hargreaves, porque conheço, obviamente como toda brasileira e brasileiro – e, mais do que isso, política –, acompanho a vida do Presidente Itamar desde que iniciei a minha trajetória política, mas tive a oportuni-

dade de conviver com ele pessoalmente aqui no Senado. Infelizmente, foi um período muito curto, mas um período em que deu para ver como ele conseguiu manter, durante toda a sua vida, a persistência, permanecendo naquilo que acreditava. Eu me lembro – V. Ex^a sabe, porque aqui esteve durante todo o tempo também – de que não foi uma vez, de que não foram duas vezes, de que foram muitas vezes em que ele se levantou para resgatar a história no que diz respeito ao Plano Real. É esse político que o Brasil saúda hoje e, mais que isso, é essa pessoa que o Brasil saúda. Eu gostaria de ter convivido muito mais com ele, porque ele teria uma contribuição muito maior ainda a dar para o nosso Senado. Então, quero agradecer ao Presidente desta sessão, merecidamente, porque é uma honra para todos nós também, Senador Pedro Simon. Temos um machucado no coração – e não é só a família, não são só os amigos próximos –, falamos de Itamar, imbuídos de uma emoção e até de uma alegria, porque, enquanto ele viveu, ele viveu assim. Ele mandou um recado aqui, que o Senador Aécio deu: “Eu estou no hospital, mas me aguardem, que, logo, logo, vou voltar”. Essa é a imagem com que o Senado Federal e o Brasil inteiro ficaram de Itamar. Senador Luiz Henrique, eu queria ter tido a sua felicidade de ter convivido, durante esses anos todos, na política com o Senador Itamar. Parabéns a V. Ex^a pelo pronunciamento. Muito obrigada.

O SR. LUIZ HENRIQUE (Bloco/PMDB – SC) – Eu me lembro bem, Sr. Presidente Pedro Simon, das reuniões que fizemos, com V. Ex^a na condição de Líder do governo e eu na condição de Presidente do PMDB, naquela salinha apertada, ao lado do seu gabinete. As conversas eram sobre o País, sobre o melhor para o País, sobre o melhor, sobre o melhor, sobre o melhor para o País. Não havia conversas menores, porque Itamar era aquilo que proclamava Cícero...

O SR. PRESIDENTE (Pedro Simon. Bloco/PMDB – RS) – Não se falava nem em cargos, nem em nomeações, nem em coisa nenhuma...

O SR. LUIZ HENRIQUE (Bloco/PMDB – SC) – Nada. Nada.

Itamar era aquilo que falava Cícero: *de minimis non curat praetor*, que o caboclo traduziu numa frase singela: quem cuida de coisas pequenas fica pequeno. Itamar só cuidava de coisas grandes.

Eu quero, no encerramento desta sessão solene, em que, repito, tenho a honra de figurar como último orador, dedicar a Itamar uma poesia extraordinária de Bertold Brecht, dramaturgo, poeta e teatrólogo alemão:

Há homens que lutam um dia, e são bons;

Há homens que lutam [...] [uma semana],
e são muito bons;

[Há homens que lutam um mês, e são ótimos;]

Há homens que lutam [...] [um ano]; e são [...] [excelentes].

[Há homens que lutam uma década; são excepcionais.]

Mas há homens que lutam a vida toda; esses são os [...] [indispensáveis].

Itamar, anacoreta, onde estiveres, a Nação não te dispensa! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Pedro Simon. Bloco/PMDB – RS) – Chegamos ao final desta sessão.

Quero agradecer a presença a todos e, de modo especial aos seus familiares, às suas filhas, Georgiana e Fabiana.

Quero dizer ao Stephen, seu neto, que ele fica muito bem aí. Prepare-se porque você tem uma história muito grande do seu avô e, se Deus quiser, você vai participar dela.

O SR. PRESIDENTE (Pedro Simon. Bloco/PMDB – RS) – Os Srs. Senadores Wilson Santiago e Flexa Ribeiro enviaram discursos à Mesa, para serem publicados na forma do disposto no art. 203 do Regimento Interno.

S. Ex^{as} serão atendidos.

O SR. WILSON SANTIAGO (Bloco/PMDB – PB. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, Sr^{as} e Srs. Deputados, há quase quarenta dias faleceu o ex-Presidente Itamar Franco. Com ele, tive a felicidade de repartir o plenário durante este meu primeiro mandato de Senador da República, o que muito me honrou. Poder estar ao lado de um homem público que marcou positivamente a história brasileira é particularmente gratificante para qualquer homem público. Foi o ex-presidente Itamar Franco um dos homens públicos de Minas Gerais que dignificou a política brasileira.

Para as gerações que se iniciam na política é importante que o Senado esteja sempre disposto a homenageá-lo, como faz agora. Principalmente quando se trata de uma figura histórica, da estatura de Itamar Franco, que sempre trabalhou para o Brasil e para o seu povo. Sua dedicação ao nosso País pode ser vista nesse período em que esteve ao nosso lado aqui no Senado Federal.

Tendo em seu currículo a Presidência da República, Itamar Franco poderia aposentar-se como um homem de grandes feitos. Sua vontade de servir ao Brasil, reproduzindo exemplos de honradez e de amor ao povo brasileiro} o impeliram a concorrer outra vez a um mandato eletivo} vencendo o pleito e assumindo o

Senado para mais uma vez lutar por seus ideais, lutar por um Brasil melhor.

Como Presidente da República, foi o idealizador e o principal defensor do Plano Real, que todos nós reconhecemos hoje como a solução não só para a manutenção da economia brasileira} como também para evitar a corrosão do salário da grande maioria} eu digo até} da totalidade da população brasileira.

Sabemos que este plano deu novos rumos ao nosso País. Não podemos esquecer que, naquela época, vivíamos uma inflação de dois dígitos} que nos incomodava e nos tornava desacreditados lá fora} especificamente a economia nacional. Essa inflação corroía nossos salários e também a própria economia nacional, fazendo com que a população ficasse mais pobre a cada dia.

Com a implementação do Plano Real, houve redução da inflação, que era o principal objetivo do projeto. O plano foi aprovado no Congresso Nacional, e deu tanto certo que continua contribuiu para a estabilidade econômica e para que o Brasil fosse respeitado em todo o mundo, especialmente nas economias mais potentes do universo.

Esses efeitos do Plano causaram uma reorganização dos setores econômicos nacionais. Com isso, todos nós hoje reconhecemos a decisão político-administrativa do Presidente Itamar como também a contribuição desta Casa e da população brasileira que o ajudaram a tomar a decisão que o Brasil reconhece como uma das mais acertadas naquele instante.

Homem forte, defensor intransigente de suas idéias e também da Constituição Federal, continuou conduzindo, o processo de redemocratização deste País, um processo difícil, como todos nós sabemos.

Itamar Franco foi um homem que exerceu suas funções públicas com altivez e dignidade, sendo um exemplo para todos os brasileiros e, com certeza, para aqueles que ainda haverão de assistir à sua história – digo até de lerem-na – num futuro próximo.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. FLEXA RIBEIRO (Bloco/PSDB – PA. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, “*Homens há dos quais não se tem lembrança, viveram como se nunca tivessem existido; nasceram, eles e seus filhos, como se não tivessem nascido*”, afirma o Livro do Eclesiástico.

Hoje, homenageamos um homem inesquecível, um homem ilustre, por suas grandes virtudes, um homem que merece o respeito e o elogio de todos nós; um homem dotado de grande saber, de sabedoria e de dignidade, um homem que conquistou a confiança do povo brasileiro por sua firmeza, determinação, segurança, ética, honestidade e objetividade.

Um homem, Sr. Presidente, cujas obras não serão esquecidas pela História, por ter colocado os interesses nacionais, o bem comum e o interesse público sempre acima dos interesses e dos apetites pessoais.

Um homem que nunca se deixou dobrar pelos poderosos e teve a coragem de enfrentar as hostilidades, as adversidades e o autoritarismo.

No dia 2 de julho de 2011, o Brasil perdeu um dos homens mais ilustres de toda a sua história: Itamar Augusto Cautiero Franco, exemplo de ética, de coragem, de seriedade, de honestidade, de dignidade, de patriotismo e de espírito público.

Itamar demonstrou, ao longo de sua vida pública, que é possível fazer política com ética, com idealismo, com devoção ao interesse público, trabalhando para o bem comum.

É quase impossível resumir num curto espaço de tempo os principais fatos da vida de Itamar Franco, que exerceu vários e importantes cargos e desempenhou diversas missões de interesse do Brasil.

Em todos os cargos e missões da vida de Itamar Franco predomina a personalidade ímpar, um homem cujo sim é o sim, e cujo não é o não.

A objetividade, a simplicidade, a sinceridade, a inteligência e a honestidade são traços que acompanham sua vida pública, desde os tempos de Prefeitos de Juiz de Fora, em sua luta implacável contra a corrupção.

Uma afirmação de Itamar Franco caracterizou sua vida como homem público: *“nada deve ser mais sagrado para o homem público do que o dinheiro incorruptível do povo”*.

A ousadia e a coragem cívica levaram Itamar a aceitar, em 1974, o desafio de disputar uma vaga de Senador pelo MDB, quando todos os prognósticos indicavam vitória dos candidatos da ARENA.

Diversos líderes opositoristas, temerosos de uma vitória esmagadora da ARENA, preferiram concorrer à Câmara dos Deputados. Itamar Franco derrotou o candidato arenista, obtendo mais de um milhão e setecentos mil votos.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, em 6 de junho de 2010, Itamar concedeu uma importante entrevista ao jornalista e escritor Mauro Santayana, que nos dá uma perfeita noção do político incomum, do homem apaixonado pelas causas que abraça e pelo vigor com que defende seus pontos de vista.

Na entrevista a Mauro Santayana, Itamar Franco nos dá uma lição muito atual de política externa independente:

... O que deve ser contestado é o ainda poder de veto exclusivo aos cinco países que são membros permanentes do órgão. O Brasil sempre teve direito, pelas suas dimensões geográficas e pela sua formação histórica, a participar do Conselho de Segurança. Em 1926, com forte presença na Liga das Nações, teve a sua candidatura, como membro efetivo do Conselho das Nações, preterida em favor da Alemanha – da mesma Alemanha que fora derrotada em 1918. Como era nosso presidente o grande estadista mineiro Artur Bernardes, e seu representante na Liga outro invulgar homem de Estado, também mineiro, o embaixador Afrânio de Mello Franco, o Brasil preferiu a honra e abandonou a Liga, que se revelara instrumento dócil do eurocentrismo. Um país que defendera, com Rui, em Haia, a plena igualdade entre as nações, não poderia compactuar com a ditadura dos grandes.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, a História, no devido tempo, fará um julgamento correto da obra, das realizações e da missão de Itamar Franco, um político diferente, primus inter pares, um político que não se enquadra no estereótipo e na imagem que muitos têm do político e da política.

Não tenho dúvida de que a figura de Itamar Franco crescerá ao longo do tempo, quando for realizada uma análise histórica correta e desapaixonada, e ele será certamente colocado entre os maiores vultos de nossa Pátria.

Um democrata que, com sacrifício pessoal, lutou em toda a sua vida em benefício dos interesses do povo brasileiro. Um homem simples, um homem do povo, que sempre serviu ao povo, e nunca se serviu do povo, e que teve a coragem de enfrentar a ditadura e os poderosos, sem nunca se curvar nem tergiversar.

Nossa vida política perde muito com o desaparecimento de Itamar Franco, mas nossa História ganha um ‘vulto de destaque, uma figura de elevada grandeza, que deverá servir de exemplo e modelo para todos nós e para as gerações que nos sucederem.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Pedro Simon. Bloco/PMDB – RS) – Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 14 horas e 37 minutos.)

CONSELHOS

CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70/1972)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato nº 1/1973-CN)

COMPOSIÇÃO

Grão-Mestre: Senador José Sarney (PMDB/AP)

Chanceler: Deputado Marco Maia (PT/RS)

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
<u>PRESIDENTE</u> Marco Maia (PT/RS)	<u>PRESIDENTE</u> José Sarney (PMDB/AP)
<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Rose de Freitas (PMDB/ES)	<u>1ª VICE-PRESIDENTE</u> Marta Suplicy (PT/SP)
<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Eduardo da Fonte (PP/PE)	<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Wilson Santiago (PMDB/PB)
<u>1º SECRETÁRIO</u> Eduardo Gomes (PSDB/TO)	<u>1º SECRETÁRIO</u> Cícero Lucena (PSDB/PB)
<u>2º SECRETÁRIO</u> Jorge Tadeu Mudalen (DEM/SP)	<u>2º SECRETÁRIO</u> João Ribeiro (PR/TO)
<u>3º SECRETÁRIO</u> Inocência Oliveira (PR/PE)	<u>3º SECRETÁRIO</u> João Vicente Claudino (PTB/PI)
<u>4º SECRETÁRIO</u> Júlio Delgado (PSB/MG)	<u>4º SECRETÁRIO</u> Ciro Nogueira (PP/PI)
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Paulo Teixeira (PT/SP)	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Renan Calheiros (PMDB/AL)
<u>LÍDER DA MINORIA</u> Paulo Abi-Ackel (PSDB/MG)	<u>LÍDER DA MINORIA</u> Mário Couto (PSDB/PA)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA</u> João Paulo Cunha (PT/SP)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA</u> Eunício Oliveira (PMDB/CE)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> Carlos Alberto Leréia (PSDB/GO)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> Fernando Collor (PTB/AL)

(Atualizada em 07.06.2011)

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Telefone: (61) 3303-4561 / 3303-5258

E-mail: scop@senado.gov.br

Local: Senado Federal, Anexo II, Térreo

Endereço na Internet: www.senado.gov.br/atividade/conselho/conselho.asp?con=768&origem=CN

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(Criado pela Lei nº 8.389/1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1/2004)

Número de membros: 13 titulares e respectivos suplentes

COMPOSIÇÃO

Presidente: _____

Vice-Presidente: _____

Lei nº 8.389/91, artigo 4º	Titulares	Suplentes
Representante das empresas de rádio (inciso I)		
Representante das empresas de televisão (inciso II)		
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)		
Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social (inciso IV)		
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)		
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)		
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)		
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 5.6.2002

2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Telefone: (61) 3303-4561 / 3303-5258

E-mail: scop@senado.gov.br

Local: Senado Federal, Anexo II, Térreo

Endereço na Internet: www.senado.gov.br/atividade/conselho/conselho.asp?con=767&origem=CN

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(Criado pela Lei nº 8.389/1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1/2004)

COMISSÕES DE TRABALHO

01 – COMISSÃO DE REGIONALIZAÇÃO E QUALIDADE DA PROGRAMAÇÃO E DE RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA

02 – COMISSÃO DE TECNOLOGIA DIGITAL

03 – COMISSÃO DE TV POR ASSINATURA

04 – COMISSÃO DE MARCO REGULATÓRIO

05 – COMISSÃO DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Telefone: (61) 3303-4561 / 3303-5258

E-mail: scop@senado.gov.br

Local: Senado Federal, Anexo II, Térreo

Endereço na Internet: www.senado.gov.br/atividade/conselho/conselho.asp?con=767&origem=CN

REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

Resolução nº 1/2011-CN

COMPOSIÇÃO¹

37 Titulares (27 Deputados e 10 Senadores) e 37 Suplentes (27 Deputados e 10 Senadores)

Presidente: _____

Vice-Presidente: _____

Vice-Presidente: _____

Deputados

Titulares	Suplentes
PT	
Benedita da Silva	Bohn Gass
Dr. Rosinha	Newton Lima
Emiliano José	Sibá Machado
Jilmar Tatto	Weliton Prado
Paulo Pimenta	Zé Geraldo
PMDB	
Íris de Araújo	Fátima Pelaes
Marçal Filho	Gastão Vieira
Moacir Micheletto	Lelo Coimbra
Raul Henry	Valdir Colatto
PSDB	
Eduardo Azeredo	
Reinaldo Azambuja	
Sergio Guerra	
PP	
Dilceu Sperafico	Afonso Hamm
Renato Molling	Raul Lima
DEM	
Júlio Campos	
Mandetta	
PR	
Paulo Freire	Giacobo
	Henrique Oliveira
PSB	
José Stédile	Antonio Balhmann
Ribamar Alves	Audifax
PDT	
Vieira da Cunha	Sebastião Bala Rocha
Bloco PV / PPS	
Roberto Freire (PPS)	Antônio Roberto (PV)
PTB	
Sérgio Moraes	Paes Landim
PSC	
Nelson Padovani	Takayama
PCdoB	
Manuela D'ávila	Assis Melo
PRB	
George Hilton	Vitor Paulo
PMN	
Dr. Carlos Alberto	Fábio Faria
PTdoB	
Luis Tibé	

Senadores

Titulares	Suplentes
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB / PP / PMN / PSC / PV)	
Pedro Simon (PMDB)	Casildo Maldaner (PMDB)
Roberto Requião (PMDB)	Waldemir Moka (PMDB)
Wilson Santiago (PMDB)	Valdir Raupp (PMDB)
Ana Amélia (PP)	
Bloco de Apoio ao Governo (PT / PR / PDT / PSB / PCdoB / PRB)	
Paulo Paim (PT)	Eduardo Suplicy (PT)
Inácio Arruda (PCdoB)	Humberto Costa (PT)
Antonio Carlos Valadares (PSB)	Cristóvam Buarque (PDT)
	Magno Malta (PR)
Bloco Parlamentar da Minoria (PSDB / DEM)	
Paulo Bauer (PSDB)	
	José Agripino (DEM)
PTB	
Mozarildo Cavalcanti	Fernando Collor

(Atualizada em 13.07.2011)

1- Designados pelo Ato nº 1 do Presidente da Mesa do Congresso Nacional, lido na sessão do Senado Federal de 13 de julho de 2011.

MESA DO PARLAMENTO DO MERCOSUL

Presidente: _____

Vice-Presidente: _____

Vice-Presidente: _____

Vice-Presidente: _____

Secretário: Antônio Ferreira Costa Filho

Telefones: (61) 3216-6871 / 3216-6878

Fax: (61) 3216-6880

E-mail: cpmc@camara.gov.br

Local: Câmara dos Deputados – Anexo II – Sala T/28

Endereço na Internet: www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms

COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA – CCAI

(Art. 6º da Lei nº 9.883/1999)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Deputado Carlos Alberto Leréia (PSDB/GO) ¹
Vice-Presidente: Senador Fernando Collor (PTB/AL)

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Paulo Teixeira (PT/SP) ²	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Renan Calheiros (PMDB/AL) ³
<u>LÍDER DA MINORIA</u> Paulo Abi-Ackel (PSDB/MG)	<u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u> Mário Couto (PSDB/PA)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> Carlos Alberto Leréia (PSDB/GO)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> Fernando Collor (PTB/AL)

(Atualizada em 07.06.2011)

Notas:

1- Assumiu a presidência na 1ª Reunião de 2011, realizada em 3-5-2011, em substituição ao Senador Fernando Collor, conforme alternância estabelecida na 1ª Reunião de 2001 da CCAI, realizada em 15-8-2011.

2- Conforme Of. nº 216/2011/SGM da Câmara dos Deputados, o Líder do PT, Deputado Paulo Teixeira, responde pela Maioria daquela Casa Legislativa, de acordo com o art. 13 de seu Regimento Interno.

3- Indicado o Líder da Maioria, conforme expediente subscrito pelos líderes Renan Calheiros, Eduardo Amorim, Francisco Dornelles e Paulo Davim.

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Telefone: (61) 3303-4561 / 3303-5258

E-mail: scop@senado.gov.br

Local: Senado Federal, Anexo II, Térreo

Endereço na Internet: www.senado.gov.br/atividade/conselho/conselho.asp?con=449&origem=CN



SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Editoração e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

Legislação Eleitoral e Política



Nova Edição, agora acrescentando as Leis nºs 9.504/97, 4.737/65 e 9.096/95, a Lei Complementar nº 64/90, todas imprescindíveis à compreensão do processo eleitoral brasileiro.

Código de Trânsito Brasileiro



Este trabalho apresenta o Código de Trânsito Brasileiro, Lei nº 9.503/1997, acrescido da Lei nº 11.705/2008 e do Decreto nº 6.489/2008, normas disciplinadoras da comercialização de bebidas alcoólicas em rodovias federais.

Conheça nossa livraria virtual, acesse:
www.senado.gov.br/livraria



Edição de hoje: 50 páginas

OS: 2011/14068